

SHERRILYN KENYON

à solta na noite

Tradução de Eduardo Fernandes

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



EM cada homem e em cada fera habita o eterno desejo de refúgio. Um qualquer local livre de perseguições, onde seja possível estar a salvo de caçadas ou agressões. Mas houve um tempo em que não havia tal lugar para aqueles que fossem ambas as coisas: homem e fera. Os que caminhavam em quatro patas durante o dia e em duas pernas de noite.

Eram caçados por todos, sem hipótese de refúgio.

A sua história, como todas as histórias, teve um começo — um começo de amor eterno caído em desgraça. Há muito tempo, viveu um rei grego cuja rainha significava tudo para ele. Mas a sua amada escondia um segredo obscuro: era descendente de uma raça maldita.

Mais de dois mil anos antes de seu nascimento, o seu clã tinha cometido um trágico erro. Tinha assassinado a amante e o filho do deus grego Apolo. Num ato de vingança pelos assassinatos, o deus grego amaldiçoou o clã com três imposições. Teria de beber o sangue dos seus para sobreviver. Jamais poderia caminhar à luz do dia. Mas a terceira maldição era a mais dura: todos morreriam lenta e dolorosamente no seu vigésimo sétimo aniversário.

Assim, honrando a maldição do deus, a jovem rainha desfez-se dolorosamente em pó no dia em que completou vinte e sete anos de idade. Incapaz de travar o destino trágico da mulher, o rei viu a sua amada morrer, pronunciando o seu nome. Quando ela finalmente desapareceu, o monarca percebeu que os seus dois filhos estavam destinados a sofrer o mesmo destino terrível da mãe.

Determinado a não perder os filhos da mesma forma, o rei procurou na magia o poder de prolongar as suas vidas. Usando o mais obscuro dos feitiços, recorreu ao povo da sua esposa, os *Apollites*, e experimentou neles o seu poder. Unindo a força vital humana das suas vidas malditas à dos animais mais fortes, o rei criou duas raças. Os Arcádios, que possuíam coração humano, e os Katagaria, com coração de animal.

Os Arcádios eram humanos que podiam assumir a forma animal ao alcançarem a puberdade — que para eles ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Os Katagaria eram animais que podiam assumir a forma humana ao alcançarem a puberdade, por volta da mesma idade. Duas faces da mesma moeda, ambas as espécies nasceram com o poder de usar a magia e viajar através do tempo à luz da lua cheia.

Por fim, a maldição do deus grego foi levantada dos *Apollites* que tinham sido transformados em humanos e animais. Não sendo verdadeiros *Apollites*, não podiam ser afetados pela maldição de Apolo. Ou assim pensava o rei grego, até o antigo deus grego recorrer às três Parcas.

— Quem pensas que és para frustrar o plano de um deus? — quiseram saber as Parcas, unidas numa só voz.

O rei respondeu desafiante:

— Como qualquer pai que mereça esse título, procurei proteger os meus filhos. Ninguém lhes roubará a vida desnecessariamente por algo que não foi culpa deles.

Mas a explicação não era suficiente para as Parcas. Estavam indignadas com a ousadia do rei. Como se atrevia ele a interferir no destino dos *Apollites* com que tinha experimentado? Como castigo, exigiram-lhe que matasse os Arcádios e os Katagaria, começando pelos seus filhos.

O rei recusou-se.

— Sendo assim, jamais haverá paz entre eles — decretaram as Parcas. — Deste dia em diante, os Arcádios e os Katagaria viverão eternamente em conflito. Perseguir-se-ão e matar-se-ão até não restar nenhum da sua raça.

E assim foi durante milhares de anos. Os Arcádios matavam os Katagaria que, por sua vez, matavam os Arcádios. A guerra entre raças durou até aos dias de hoje...

E mais ainda.

Contudo, como em todas as guerras, com o passar do tempo, foram necessárias pequenas tréguas. Savitar, o mediador imparcial entre Arcádios e Katagaria, estabeleceu limanis ou refúgios onde humanos e animais pudessem entrar sem medo de serem caçados. Nestes lugares, poucos e cuidadosamente selecionados, Katagaria e Arcádios podiam descansar um pouco antes de reintegrarem as fileiras e retomarem a peleja.

Não é fácil ser reconhecido como tal, mas uma vez obtido o estatu-

to de refúgio, nenhum homem ou animal pode atentar contra a santidade do limani. Não sem provocar a fúria de todos os Arcádios e Katagaria por igual.

É uma honra sagrada converter-se em refúgio, mas também um calvário. A paz surge sempre como resultado de algum sacrifício. E poucos sacrificaram mais do que o clã de ursos que controla o bar Santuário em Nova Orleães...

Capítulo

UM

«*A LEI, tal como a vida, é sempre um estudo de provações...*»

As palavras do livro pairavam na mente de Marguerite D'Aubert Goudeau, fazendo-a recordar-se da expressão familiar do seu amigo e companheiro de estudos Nick Gautier: «*Pois, bem. A vida é um teste que te suga a alma, a que deves sobreviver, caso contrário, morres. Pessoalmente, o fracasso não é uma opção, por isso, tenciono sobreviver e rir-me de todos os que falham.*»

Um triste sorriso curvou-lhe lábios, pois sentia uma dor agriçoce que lhe dilacerava o coração. Recordava-se de Nick e da sua forma cínica de viver a vida, o amor, a morte, e tudo o que surgisse pelo meio. O homem tinha expressões memoráveis.

Caramba, que saudade. Fora como um irmão para ela, e não havia um dia em que não sentisse a sua ausência no recanto mais fundo da alma.

Ainda não conseguia acreditar que ele tinha desaparecido. Que nessa mesma tarde, há seis meses atrás, a mãe dele, Cherise Gautier, tinha sido encontrada morta na sua casa em Bourbon Street, tendo Nick desaparecido misteriosamente e sem deixar rastro. As autoridades de Nova Orleães estavam convencidas de que Nick era o responsável pela morte da própria mãe.

Marguerite sabia que não.

Ninguém no mundo amava mais a mãe do que Nick amava a sua. Se Cherise Gautier estava morta, então Nick também estava. Ninguém poderia tocar-lhe sem enfrentar a sua fúria. Ninguém.

Marguerite estava certa de que ele tinha ido atrás do assassino da

mãe, acabando por encontrar a própria morte. O mais certo era ele estar no fundo de um qualquer pântano. Por isso, ninguém o tinha o visto entretanto. E esse pensamento magoava-a. Nick era um homem bom e atencioso. Um bom confidente e, na maior parte do tempo, um tipo divertido.

No seu mundo formal e enfadonho, em que tinha de se assegurar de que nunca fazia ou dizia algo errado, Nick tinha sido uma lufada de ar fresco e uma maravilhosa dose de realidade. Era por isso que ela queria recuperar o seu amigo tão desesperadamente.

Como o próprio Nick dizia, a sua vida era uma seca. As amigas eram superficiais, o pai neurótico, e sempre que achava que gostava de um rapaz, o pai investigava o passado do pobre e de toda a sua família para lhe dizer por que motivo ele era socialmente inaceitável. Ou, pior: inferior.

Como ela odiava aquela expressão.

— *Tens um destino a cumprir, Marguerite.*

Sim, estava destinada a acabar os dias numa instituição mental ou completamente sozinha, para que não pudesse envergonhar o pai ou a família.

Suspirou quando fitou o seu livro de Direito pousado na mesa da biblioteca e sentiu a familiar insinuação de lágrimas nos seus olhos. Nick nunca apreciara estudar na biblioteca. Quando ele fazia parte do seu grupo, este invadia-lhe a casa quatro dias por semana para estudarem juntos.

Mas esses dias tinham terminado e tudo o que lhe restava eram aqueles fanfarrões insípidos e inseguros que só se sentiam bem com eles próprios fazendo pouco dos outros.

— Está tudo bem, Margeaux?

Marguerite pigarreou um pouco quando escutou a pergunta de Elise Lenora Berwick. Elise era uma loira alta, perfeitamente esculpida. E Marguerite queria mesmo dizer «esculpida». Aos vinte e quatro anos, Elise já tinha feito seis cirurgias plásticas diferentes para corrigir as pequenas imperfeições do seu corpo. Na escola secundária, Elise tinha sido a grande debutante de Nova Orleães e hoje era a beleza reinante da Universidade de Tulane.

As duas eram amigas desde a escola primária. Aliás, tinha sido Elise a mentora do grupo de estudo três anos antes, quando entraram para a faculdade. Elise nunca se dedicara realmente às atividades escolares, pelo que o grupo de estudo era uma forma de usar os colegas para passar nas disciplinas. Marguerite não se importava. Admirava até o engenho de Elise, e gostava de observar a forma como aquela criatura manipuladora conseguia que os outros lhe fizessem todas as vontades.

Só Marguerite e Nick percebiam as intenções de Elise. Tal como Marguerite, Nick era imune às maquinações da bela loira. Mas essas ma-

quinações não eram sérias. Se não fosse por Elise, Marguerite não teria tido oportunidade de se aproximar de Nick, o que teria sido uma verdadeira tragédia.

Agora, ela, Elise, Todd Middleton Chatelaine, Blaine Hunter Landry e Whitney Logan Trahan eram o que restava do grupo. E isso doía mais do que tudo.

Porque não estás aqui, Nick? Precisava mesmo do teu sentido de humor.

Marguerite brincava com a encadernação do livro, invocando uma imagem de Nick na sua mente.

— Estava a pensar no Nick. Ele sempre gostou de Direito.

— Gostava, não gostava? — disse Todd, levantando o olhar do livro. O seu cabelo negro apresentava um corte curto que combinava na perfeição com o seu rosto agradável. Vestia uma camisola vermelha dispendiosa do *Tommy Hilfiger* e um par de calças caqui. — Se não fosse um criminoso de ascendência duvidosa e sombria, era capaz de fazer o teu pai transpirar, Margeaux.

Marguerite tentou não evidenciar a irritação que sentia quando a tratavam por aquele apelido que ela simplesmente odiava. Achavam que, de certa forma, os fazia sentirem-se mais próximos dela, já que outros não o usavam.

Na verdade, preferia o muito simples «Maggie» que Nick usava. É claro que era um apelido demasiado plebeu para uma família tão refinada como a sua. O seu pai teria um ataque se alguma vez ouvisse Nick chamá-la assim.

Mas preferia-o. Correspondia muito melhor à sua personalidade do que «Marguerite» ou «Margeaux».

É claro que, agora, ninguém lhe chamava Maggie...

O seu coração latejava de saudade. Como era possível sentir tamanha dor?

— Ainda não consigo acreditar que ele já não está connosco — sussurrou Marguerite, pestanejando para afastar as lágrimas. Parte dela ainda esperava vê-lo pavonear-se porta adentro, com o seu sorriso brincalhão e um pacote de doces na mão.

Mas não voltaria. Nunca mais.

— Adeus e boa viagem! — comentou Blaine cinicamente, reclinando-se na cadeira. Com um metro e oitenta de altura e extremamente bem constituído, de cabelo negro azeviche, Blaine acreditava ser uma dádiva divina ao sexo feminino. A sua família era rica e bem relacionada, transmitindo ao herdeiro uma autoconfiança exageradamente elevada.

Odiava Nick porque este nunca tinha dado margem à petulância de Blaine, confrontando-o mais do que uma vez.

Marguerite fitou Blaine, zangada.

— Estás assim porque ele sempre tirou melhores notas do que tu nos exames.

Blaine esboçou um sorriso.

— Ele copiava.

Pois, sim. Sabiam todos perfeitamente que não. Nick era brilhante. Irreverente e, por vezes, simplesmente rude, tinha-se tornado amigo de Marguerite, ajudando-a com os trabalhos, mesmo fora dos encontros do grupo. Se não fosse por ele, ela teria chumbado à cadeira de Civilização Grega Antiga com o Dr. Julian Alexander, que tinha sido seu orientador.

Todd fechou o livro e pô-lo de lado.

— Sabem, acho que devíamos fazer qualquer coisa para nos despedirmos oficialmente dele. Afinal, ele pertencia a este grupo.

Blaine troçou.

— O que sugeres? Queimar incenso para disfarçarmos o cheiro dele?

Whitney deu uma sapatada na perna de Blaine.

— Para com isso, Blaine. Estás a arreliar a pobre da Margeaux. Ela e o Nick eram amigos.

— Não consigo imaginar porquê.

Margaret endireitou-se, estreitando o olhar na direção dele.

— Porque era simpático e compassivo.

Ao contrário deles. Nick não era pretensioso ou frio. Era genuíno e preocupava-se com as pessoas, independentemente de quem eram ou de quanto dinheiro tinham. Nick era humano.

— Já sei o que devíamos fazer — disse Elise, fechando o livro também. — E se visitássemos aquele sítio de que o Nick falava? Onde a mãe trabalhava.

— O Santuário? — Blaine parecia enojado. Marguerite não conhecia mais nenhum homem capaz daquela expressão facial. Até o Elvis sentiria inveja. — Ouvi dizer que fica do outro lado do Bairro Francês. Francamente parolo.

— Gostei da ideia — interveio Todd guardando o livro na mochila de marca. — Estou sempre disponível para me misturar com a plebe.

Blaine fitou-o com um ar divertido.

— Já me constou, Todd. É a maldição do novo-rico.

Todd devolveu o olhar a Blaine, com a mesma intensidade.

— Muito bem, fica aqui a aquecer os nossos lugares enquanto o teu rabo cresce até ficar do mesmo tamanho do teu ego — Todd levantou-se e chamou a atenção de Marguerite. — Acho que é altura de nos despedirmos do nosso membro pouco estimado, e que melhor forma de o fazermos se não tomando uma cerveja no seu poiso preferido?

Blaine revirou os olhos.

— O mais certo é apanhares uma hepatite.

— Não, não é verdade — disse Whitney. Fitou Todd os seus brilhantes olhos azuis cheios de medo. — Pois não?

— Não — respondeu Marguerite com firmeza enquanto guardava os livros. — O Blaine é simplesmente um covarde.

O jovem arqueou uma sobrancelha.

— Pois sim. Sendo puro-sangue por ambas ascendências, não tenho grande vontade de andar a perder tempo com a criadagem.

Marguerite ergueu o queixo ao escutar o comentário baixo de Blaine. Todos sabiam que a sua mãe era uma crioula de Slidell, de estatuto social muito inferior ao do seu pai. Apesar de ter frequentado a universidade com uma bolsa integral e ter sido *Miss Louisiana*, o seu casamento tinha sido escandaloso.

Por fim, esse desastre acabaria por conduzir a mãe à morte.

Era um comentário que só um verdadeiro sacana faria diante de Marguerite.

— Asno puro-sangue, queres tu dizer — respondeu ela entredentes, levantando-se. Enfiou o livro na mochila *Prada*. — O Nick tinha razão, não és mais do que um verme mariquinhas que precisa de um bom pontapé no rabo.

As mulheres ao seu redor fitavam-na boquiabertas com a linguagem que usou, enquanto Todd se ria.

Blaine colorira-se de um curioso tom de vermelho.

— Tenho de admitir que adoro essa picardia crioula — comentou Todd aproximando-se dela. — Vamos, Margeaux, que eu mantenho-te em segurança. — Olhou para as outras duas mulheres. — Querem vir connosco?

Whitney parecia uma criança prestes a conseguir que os pais a deixassem ficar acordada até mais tarde.

— Os meus pais morreriam se soubessem aonde vou. Conta comigo. Elise assentiu também.

Olharam para Blaine, que emitiu um ruído de troça.

— Quando todos contraírem disenteria, lembrem-se deste vosso amigo.

Marguerite pegou na bolsa.

— Dr. Blaine, o residente perito na vingança de Montezuma¹. Já percebemos.

¹ Alusão a um dos problemas de saúde mais comuns entre viajantes, também conhecida como Diarreia do Viajante, normalmente acompanhado por enjoos, inchaço e dores abdominais intensas. (N. do T.)

Marguerite sabia que ele estava ansioso por retribuir com uma réplica cruel, mas as boas maneiras e o bom senso impediram-no de falar. Não era boa ideia insultar duas vezes a filha de um senador dos Estados Unidos quando se acalentava a ambição de conseguir um estágio com o dito senador no outono.

E foi, muito provavelmente, graças a isso que Blaine resolveu juntar-se a eles quando se dirigiram para o SUV de Todd.

— OH, meu Deus! — exclamou Whitney assim que entraram no afamado bar de motoqueiros.

A própria Marguerite arregalou os olhos quando perscrutou a escuridão, observando aquele lugar peculiar que estava claramente a precisar de uma boa esfregadela. Os clientes vestiam-se de forma estranha, abundando os blusões de motoqueiro, *T-shirts* sinistras e calças de ganga gastas. As mesas e as cadeiras eram uma mistura de tralha que nem sequer combinava. O palco estava pintado de preto, com salpicos de vermelho, cinzento e branco, e as mesas de bilhar pareciam ter sobrevivido estoicamente a muitas rixas de bar.

Havia ainda palha espalhada pelo chão, lembrando a Marguerite o cenário de um celeiro.

O balcão estava ocupado por tipos grosseiros que bebiam cerveja e gritavam uns com os outros. Diante deles, via-se uma escada de madeira que conduzia a um piso superior, embora ela não tivesse ideia do que haveria lá em cima. Problemas, talvez. Uma pessoa era capaz de encontrar grandes problemas lá em cima.

Aquele lugar era francamente rústico.

Mas o que chamou a sua atenção foi a grande concentração de homens bonitos que trabalhavam no bar. Estavam por todo o lado. Ao balcão, a servir às mesas, à entrada... Ela nunca tinha visto nada igual. Mas que banquete de testosterona!

Elise inclinou-se para a frente para lhe sussurrar ao ouvido:

— Acho que morri e fui para o céu. Alguma vez viste tantos homens lindos na tua vida?

Mas Marguerite apenas conseguia abanar a cabeça. Era realmente incrível. Estava admirada por os meios de comunicação ainda não terem descoberto o local e enviado uma equipa para investigar o que haveria na água para que houvesse tantos homens interessantes no mesmo espaço.

Até Whitney estava boquiaberta e de olhos arregalados.

— Que tipo de música é esta? — perguntou Blaine, franzindo o nariz quando uma nova canção começou a soar da aparelhagem incorporada no balcão.

— Acho que lhe chamam *Metal!* — gritou Todd sobre o potente solo de guitarra.

— Eu chamo-lhe doloroso — comentou Whitney. — O Nick frequentava *isto*?

Marguerite assentiu. Nick adorava aquele lugar. Passara horas a falar-lhe do espaço e das estranhas pessoas que o tinham como lar.

— Ele disse-me que tinham a melhor *andouille*² do mundo.

Blaine troçou.

— Duvido muito.

Todd indicou uma mesa atrás de si.

— Acho que nos podemos sentar e beber qualquer coisa em homenagem ao velho Nick. Só se vive uma vez, sabes?

— Bebe um copo aqui e não passas desta noite — provocou Blaine.

Blaine estava muito pouco animado quando o grupo seguiu Todd até à mesa e se sentou.

Marguerite pousou a mochila, tirou a carteira de dentro e colocou-a debaixo da mesa. Pendurou a carteira na cadeira e sentou-se. O lugar era muito barulhento, mas conseguia facilmente imaginar Nick ali. Algo naquele lugar fazia-a pensar nele. Além da decoração pirosa que ele sempre apreciara. Suspeitava de que ele se vestia de forma descuidada só para irritar as pessoas.

Para Marguerite, esse era um dos seus traços mais cativantes. Ele era a única pessoa que ela conhecia que não se importava nada com o que as outras pessoas pensavam dele. Nick era Nick, gostassem ou não.

— Posso ajudá-los?

Marguerite ergueu o olhar e descobriu uma mulher extremamente bela, loira, mais ou menos da sua idade. Vestia um par de calças de ganga muito justo e uma *T-shirt* com o logótipo do bar — uma motorizada estacionada numa colina recortada pela lua cheia. Em baixo, surgia o *slogan* do espaço: *Lar dos Howlers*.

Blaine fitou a empregada demoradamente, um olhar que ela sabiamente ignorou.

— Sim, vamos todos tomar uma *Westvleteren* 8.

A jovem franziu o sobrolho, inclinando a cabeça para ouvir melhor.

— Ora, repita lá?

Blaine exibia aquele seu familiar olhar peneirento, servindo-se agora do tom *queres-que-te-faça-um-desenho*.

² Salsicha típica da culinária crioula do Louisiana, feita principalmente de intestinos de porco. (N. do T.)

— É uma cerveja belga, amor. Por favor, diz-me que já ouviste falar dela.

A empregada fitou-o, arregalando os olhos.

— Ó rapazola, eu nasci em Bruxelas e, se não me engano, aqui é a minha terra, a América, e não o lugar onde nasci. Por isso, podes pedir uma cerveja americana ou eu trago-te aguinha e ficas ali sentado a amuar e a armar-te em rei do mundo, até vomitares, certo?

Blaine fitava-a como se estivesse prestes a estrangulá-la.

— O teu gerente sabe que falas assim com os clientes?

A rapariga dedicou-lhe um sorriso sarcástico e respondeu, indulgente:

— Se quiseres falar com a minha mãe, a proprietária deste bar, o meu irmão protetor que o gere, ou o meu pai, que se diverte a dar porrada a estúpidos, para pedir satisfações sobre o meu atendimento, avisa, porque terei todo o gosto em chamar qualquer um deles. Sei que iam *adorar* perder um bocadinho de tempo contigo. Eles são muito compreensivos.

Marguerite reprimiu uma gargalhada. Não conhecia a mulher, mas começava a gostar bastante dela.

— Eu quero uma *Bud Light*, por favor.

A jovem piscou-lhe o olho com cumplicidade antes de anotar o pedido.

— Eu também — disse Todd.

Whitney e Elise reiteraram o pedido.

Imediatamente, todos fitaram Blaine e esperaram o próximo comentário estúpido.

— Traz a minha por abrir, com um guardanapo e um abre-cápsulas.

A empregada inclinou a cabeça com um brilho malvado no olhar.

— O quê? Tens medo que te cuspa na cerveja, rapazola?

Todd riu-se.

Antes que Blaine pudesse responder, a loira deixou-os.

O sorriso de Marguerite desvaneceu quando, de repente, sentiu algo estranho... os pelos da nuca arrepiaram-se. Como se alguém a observasse.

Fixamente.

Ameaçadoramente.

Voltando a cabeça, esquadrinhou a multidão, procurando a fonte do seu desconforto. Mas não havia nada. Ninguém parecia prestar-lhes a mínima atenção.

Havia vários grupos de motoqueiros corpulentos a jogar bilhar. Dezenas de turistas e motoqueiros espalhados pelo espaço. Havia ainda um grupo de sete homens a jogar póquer a um canto. Os vários empregados viajavam entre o balcão e as mesas, distribuindo comida e bebida, enquanto os dois do bar tratavam do seu trabalho.

Ninguém estava a olhar na direção de Marguerite.

Estou a imaginar coisas.

Pelo menos, foi isso que pensou até divisar um homem a um canto que parecia cravar os olhos nela. Vestido com uma camisa larga e branca coberta por um avental branco muito sujo e calças de ganga pretas desbotadas, que já tinham visto dias melhores, era um ajudante que tinha parado de limpar uma mesa. As mangas da camisa estavam enroladas até meio dos braços. O braço esquerdo exibía uma tatuagem intensa e colorida, que ela não conseguia discernir àquela distância.

Não conseguia sequer ver-lhe o rosto, uma vez que o seu cabelo loiro escuro lhe tapava boa parte e lhe cobria os olhos. A parte de trás pendia livremente sobre os ombros. Na verdade, graças ao seu penteado, ela não podia jurar para onde ele estava a olhar, mas cada instinto no seu corpo lhe dizia que era para ela.

Havia algo nele obscuro e perigoso. Predatório. Quase sinistro.

Marguerite massajou o pescoço nervosamente, desejando que o rapaz voltasse a concentrar-se no trabalho.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Blaine.

— Não — respondeu ela rapidamente, oferecendo-lhe um sorriso. Se comentasse alguma coisa, Blaine faria seguramente uma cena e o pobre acabaria despedido de um trabalho que provavelmente lhe fazia falta. — Está tudo bem.

Mas a sensação não diminuía, e havia algo tão animalesco e feroz nela que começava a ficar nervosa.

WREN inclinava a cabeça enquanto observava a mulher desconhecida que lhe parecia tão deslocada que se perguntava como teria ido parar àquele bar. A sofisticação e o dinheiro emanavam-lhe de cada poro. Não era, decididamente, a clientela habitual.

Sabia bem que ela não estava muito confortável com a sua observação cerrada. Mas nunca ninguém ficava, e, por isso, raramente estabelecia contacto visual com quem quer que fosse. Tinha aprendido há muito tempo que nenhuma pessoa ou animal conseguia aguentar o seu olhar intenso por muito tempo.

E ainda assim não era capaz de desviar o olhar. O seu cabelo castanho preso num rabo-de-cavalo insinuava alguns reflexos avermelhados — isso e o tom de pele mais escuro deixavam adivinhar uma herança crioula. Vestia um delicado conjunto cor-de-rosa, uma saia comprida caqui e sapatos de lona a combinar.

Mas o melhor de tudo era o seu corpo exuberante e curvilíneo que convidava um homem a aproximar-se para o saborear.

Não era a mulher mais bela que ele alguma vez tinha visto, mas havia algo nela que o cativava. Um ar perdido e ferido.

Triste.

Nas profundezas da Ásia, onde ele tinha nascido, uma criatura como ela teria sido morta e comida por algo mais forte. Mais feroz. Qualquer tipo de vulnerabilidade era um convite para a morte. E, no entanto, ele não sentia aquele familiar apelo de adrenalina que o fazia atacar o mais fraco.

Sentia, sim, um desejo inexplicável de a proteger.

Mais do que isso, queria ir ter com ela para a amparar. Mas, pensando bem, que sabia ele do amparo a um humano? Não passava de um predador feroz em forma humana. Apenas sabia caçar e matar.

Lutar.

Ele não sabia como reconfortar. Não sabia nada sobre mulheres. Estava só no mundo por sua escolha — e preferia assim.

Marvin, o animal de estimação residente do bar, correu até Wren com um pano novo para limpar as mesas. Wren tirou-lho da mão, obrigando-se a voltar a limpar a mesa. Ainda assim, sentia a presença da mulher desconhecida, e, rapidamente, deu consigo de olhos cravados nela outra vez, observando-a a conversar com os amigos.

MARGUERITE bebeu um gole da cerveja enquanto Elise e Whitney olhavam fixamente para os homens ao balcão. Tentou alcançar um salgadinho, mas Blaine esbofeteou-lhe a mão.

Parecia consternado.

— Estás louca? Sabes há quanto tempo isso está aí? Quantas mãos imundas lhe terão tocado? E mais, a nossa empregada temperamental deve ter envenenado essa porcaria para se vingar.

Marguerite revirou os olhos em resposta à paranoia do colega. Voltou a olhar para o ajudante que agora estava mais próximo. Tinha voltado a trabalhar, mas suspeitava que ainda a observava.

Franziu o sobrolho quando viu um bonito macaco-aranha subir pelo braço do rapaz, parando no seu ombro.

O rapaz tirou uma pequena cenoura do bolso do avental branco para dar ao macaco, que a comeu enquanto ele voltava ao trabalho. Conteve um sorriso quando se apercebeu de quem seria o rapaz. Seria certamente Wren. Nick falava dele de vez em quando. Dissera-lhe que, a princípio, tinha pensado que Wren era mudo, já que nunca o tinha ouvido falar com ninguém. Já se conheciam há um ano quando Wren murmurou um «olá», num dia em que Nick tinha ido visitar a mãe.

Segundo Nick, Wren era um solitário que se mantinha isolado e que se recusava a participar no mundo. Marguerite reconhecia-o porque

Nick lhe tinha falado do macaco... o único amigo de Wren, que costumava roubar as bolas de bilhar enquanto os dois jogavam na zona traseira do bar.

O macaco chamava-se *Marvin*...

Blaine reparou que Marguerite olhava para o ajudante. Voltou-se na cadeira para ver Wren, que tinha voltado a fitar Marguerite. Pelo menos era isso que parecia, mas como ele mantinha o cabelo sobre os olhos, não havia maneira de saber com toda a certeza.

— Está a incomodar-te?

— Não — contrapôs Marguerite rapidamente, assustada com a possível reação de Blaine. Estranhamente, quase se sentia lisonjeada. Os homens não costumavam reparar nela, a menos que soubessem quem era o seu pai. A sua mãe, sim, cativava o mundo.

Marguerite, nunca.

— Estás a olhar para onde? — perguntou Todd rudemente.

Wren ignorou-o, mudando-se para a mesa ao lado da deles que estava coberta de copos e um prato de *nachos* meio comido.

Marguerite sentia que ele queria falar-lhe e deu consigo a perguntar-se como seria o seu rosto por baixo daquele cabelo loiro todo. Pairava uma certa atmosfera de perigo sobre ele. De contenção vigorosa. Contudo, suspeitava de que ele não queria atrair a atenção de ninguém.

Era como se procurasse camuflar-se completamente no ambiente, mas fosse incapaz de o fazer.

Ocorreu-lhe uma estranha imagem de um tigre de jardim zoológico de atalaia. Era precisamente isso que ele lhe lembrava. Uma enorme fera que observava, cuidadosamente, todos os que a rodeavam — distante, embora confiante de ser capaz de derrubar qualquer criatura que a incomodasse.

— Que anormal — comentou Blaine, olhando para Wren que ainda os observava. — Ouve, rapaz, porque não fazes alguma coisa com esse cabelo nojento? — Blaine atirou alguns dólares a Wren. — Vai cortar o cabelo.

Mas Wren ignorou completamente Blaine e o dinheiro que este lhe atirara.

O macaco começou a guinchar como se estivesse a proteger Wren. Sem uma palavra, Wren deu uma sapatadinha na cabeça do macaco e sussurrou-lhe algumas palavras. O macaco saltou do ombro dele e correu ligeiro para o balcão.

Wren pousou a bandeja.

O coração de Marguerite pulsava com força quando esta se deu conta de que ele se dirigia a ela. De perto, era muito mais alto do que lhe parecera

ao longe. Por alguma razão, caminhava algo encurvado e parecia medir aproximadamente um metro e oitenta, mas se ele se endireitasse completamente, a sua altura rondaria seguramente o metro e noventa.

Havia uma aura de poder supremo a rodeá-lo. Um ar de velocidade e agilidade.

Ele era simplesmente magnético.

Finalmente, Maggie conseguiu ver-lhe os olhos. Eram de um vibrante azul-turquesa, tão luminoso que enfeitiçava.

E aprisionava sem piedade.

Apontou para o copo vazio com uma inclinação do queixo.

— Terminou, minha senhora?

A sua voz era profunda e ressonante — hipnótica. Marguerite sentiu um intenso calafrio percorrer-lhe a espinha. Sorriu ao epíteto educado.

— Sim — respondeu ela, passando-lhe o copo.

Wren limpou a mão ao avental como se não quisesse ofendê-la ou sujá-la ao pegar no copo.

A princípio, Marguerite pensou que as mãos de ambos se tocariam, mas ele afastou a sua como se temesse tocá-la de forma tão íntima. Marguerite sentiu-se estranhamente decepcionada.

Baixando o olhar, Wren pegou no copo, segurando-o como se de um tesouro se tratasse, e afastou-se. Colocou-o na bandeja e voltou a olhar para ela.

— Ouve lá, *Rastas* — chamou Todd indelicadamente. — Não te vale de nada olhar para ela, imbecil. Não tens unhas para ela.

Wren fitou Todd com um olhar entediado que lhe dizia que não o via como uma ameaça.

— Wren? — chamou a empregada loira que se aproximava, confirmando assim a identidade de Wren a Marguerite. A jovem parou para lhes dirigir um olhar furioso, antes de suavizar a expressão e se voltar para Wren. — É hora de fazeres uma pausa, está bem, querido?

Ele assentiu com a cabeça.

Quando ele se preparava para sair, Blaine empurrou a bandeja que levava nas mãos.

— Sim, querido, vai brincar com os teus amigos na sarjeta.

De repente, Blaine atirou a bebida à cara do homem.

Wren deixou escapar um som que mais parecia um grunhido estranho e que não parecia muito humano. Num abrir e fechar de olhos, deixou cair a bandeja e atirou-se a Blaine.

Um grupo de homens apareceu, vindo do nada, para conter Wren. Marguerite pôs-se de pé e observou a dificuldade com que os quatro porteiros, muito maiores do que Wren, o seguravam. Cercaram-no tão bem

que Marguerite deixou de o ver na barreira formada por eles para proteger o seu grupo.

A empregada estava lívida.

— Fora! — grunhiu ela. — Todos.

— Porquê? — quis saber Blaine. — Somos clientes.

Então, aproximou-se outro homem loiro, bastante parecido com a empregada. Seria talvez o irmão que ela tinha mencionado antes e que geria o bar.

— É melhor fazerem o que a Aimee diz. Nós acabámos de te salvar a vida, mas não conseguiremos segurá-lo por muito tempo. Quando ficar mais lúcido, é melhor que estejas bem longe daqui, pois não nos responsabilizaremos pelo que ele te fizer.

Blaine desdenhou do aviso.

— Basta tocar-me e processo-vos a todos.

O homem riu-se, ameaçadoramente.

— Acredita que não restará o suficiente de ti para te alimentares por uma palhinha, quanto mais para processares alguém. Agora sai do meu bar antes que eu te arranque à força.

— Vamos, Blaine — disse Todd, arrastando-o para a porta. — Já estivemos aqui tempo de mais.

Whitney e Elise não queriam sair, mas levantaram-se como mortos-vivos obedientes e seguiram os homens.

Marguerite ficou para trás.

— Margeaux? — chamou Todd.

— Vão. Eu já vou ter convosco.

Blaine negou com a cabeça.

— Não sejas estúpida, Margeaux. Este sítio não é para nós.

Marguerite estava tão farta daquela mentalidade de «nossa estirpe, nosso estatuto». A sua vida estava cheia desse tipo de comentários e, para grande desilusão da família, acreditava piamente que só havia dois tipos de pessoas no mundo: as decentes e as más.

Pessoalmente, estava farta das más.

— Cala-te, Blaine. Vai para casa antes que eu te bata.

Blaine revirou os olhos e seguiu em direção à porta, com Elise e Whitney a reboque.

— Tens a certeza de que queres ficar? — perguntou Todd.

— Sim. Eu apanho um táxi para casa.

Todd parecia pouco convencido, mas reconheceu certamente a determinação de Marguerite para não insistir.

— Certo. Tem cuidado.

Ela assentiu e esperou que saíssem antes de se dirigir para onde os

porteiros tinham levado Wren. A culpa fora dela e apenas podia desculpar-se pelo facto de ser suficientemente estúpida para se relacionar com aqueles imbecis.

Encontrou um pequeno corredor que conduzia aos quartos de banho e a uma área privada. *Reservada a funcionários*. A princípio, pensou que os homens teriam entrado na área privada, até que ouviu vozes vindas do quarto de banho dos homens.

— Não lhe molhes a cara outra vez, Colt, que ele arranca-te o braço de supetão.

Marguerite voltou a escutar aquele feroz grunhido animal seguido de algo que parecia alguém a ser empurrado para trás.

— Eu avisei-te — disse a voz masculina outra vez. — Os humanos são mesmo estúpidos. Aquele rapaz teve sorte porque não deixámos que o Wren o atacasse. Só pisas a cauda de um tigre se quiseres que te morda.

— Onde tinhas tu a cabeça para falares com aquela rapariga? — perguntou outra voz. — Porra! Desde quando falas com as pessoas, Wren?

Marguerite ouviu novamente o grunhido, seguido do som de copos partidos.

— Está bem — disse a primeira voz. — Amua para aí. Esperamos lá fora.

A porta do quarto de banho abriu-se, revelando dois homens que teriam aproximadamente um metro e oitenta. Um tinha o cabelo curto e preto e o outro cabelo igualmente escuro, preso num rabo-de-cavalo. Detiveram-se entre ela e a porta, fitando-a atentamente.

— Ele está bem? — perguntou-lhes.

O de cabelo comprido fitou-a com um olhar estranho.

— Devia sair daqui. Já causou muitos problemas para uma noite.

Estranhamente, ela não queria ir.

— Eu...

Marguerite esqueceu-se do que ia a dizer quando a porta do quarto de banho se abriu e Wren avançou pelo corredor.

Tinha a camisa molhada, e partes dela colavam-se a um peito muito tonificado. Trazia uma toalha ao ombro e a cabeça baixa. A postura lembrava-a de um predador a observar o mundo com atenção, à espera de atacar, e não alguém tímido ou reservado.

Wren aproximou-se dela lenta e metodicamente. Algo nos seus movimentos a fazia pensar num gato antes de se roçar nas pernas do dono para o acariciar com o nariz ou marcá-lo como sua propriedade.

Wren passou a mão pela cara antes de dirigir um olhar sinistro aos homens.

— Saiam — grunhiu ele.

O de cabelo comprido ficou rígido por odiar que lhe dessem ordens.
— Vamos, Justin — disse o homem de cabelo curto, que devia ser Colt, num tom conciliador. — O Wren ainda precisa de tempo para se acalmar.

Justin deixou escapar um grunhido baixo antes de voltar para o bar. Colt dirigiu um olhar de advertência a Marguerite e seguiu Justin.

Marguerite engoliu em seco, aproximando-se de Wren com cuidado. Agora que estava mais perto, sabia que a camisa larga cobria um corpo em boa forma. A sua pele era de um tom dourado tão tentador que devia ser ilegal.

Havia algo nele que parecia completamente indomável. Tinha aspeto de ter dormido com a mesma roupa. Era óbvio que aquele homem não se importava com o que pensassem a respeito dele. Não seguia moda alguma ou qualquer regra da sociedade. Depois do que tinha ouvido enquanto estavam no quarto de banho, duvidava que fosse sequer sociável.

Em teoria, devia sentir alguma repulsa, mas não era assim. Tudo o que queria era afastar aquele emaranhado de cabelo loiro do seu rosto e ver se ele era tão bonito como ela suspeitava.

— Lamento muito — disse ela timidamente. — Não sabia que o Blaine ia fazer aquilo.

Ele não falou. Em vez disso, deu um passo em direção a ela, ficando tão perto que ela conseguia sentir o calor do seu corpo. Esticou um braço. Hesitou um pouco, querendo tocar-lhe no rosto e manteve a mão suspensa, incendiando-a com aqueles seus estranhos olhos azuis.

Wren queria tocá-la tão ardentemente que quase a sentia. Nunca tinha desejado nada com tal intensidade. Mas sabia que não devia.

Ela era humana.

E era linda. O seu cabelo parecia tão suave. A pele resplandecia de um calor vital. Daria tudo para provar o sabor daquela pele, para ver se ela era tão deliciosa como parecia ser.

Mas não podia.

Um animal como ele nunca poderia tocar algo tão frágil como ela. Estava na sua natureza destruir, nunca acarinhar. Afastou a mão.

— És o amigo de quem o Nick falava? — perguntou ela timidamente.

Wren inclinou a cabeça perante a pergunta inesperada.

— Conhecias o Nick?

Marguerite assentiu.

— Estudava com ele. Estudávamos juntos. Ele disse que tinha um amigo aqui chamado Wren que lhe comia as papas no bilhar. Eras tu?

Wren olhou por cima das mesas de bilhar e inclinou a cabeça, recor-

dando o seu amigo. Nick nunca soubera muito sobre Wren. Mas tentara fazer amizade com ele. Tinha sido uma agradável mudança.

— Sou eu — sussurrou ele, ainda sem perceber porque se dava ao trabalho de falar com alguém.

Mas queria falar com ela. Adorava o timbre suave e delicado da voz dela. Soava-lhe tão terna. Tão feminina. Uma parte estranha de si queria aconchegar-se com ela.

Inclinou-se muito ligeiramente para a frente para, discretamente, poder inalar o seu perfume. A pele dela era cálida e suave, e tinha vestígios de pó de talco e um perfume intenso. Fê-lo sentir-se excitado e desejoso.

Nunca tinha beijado uma mulher, mas pela primeira vez queria fazê-lo. Os lábios abertos dela eram tão tentadores.

Tão deliciosos...

— Wren?

Voltou a cabeça quando escutou a voz de Nicolette Peltier atrás dele.

A francesa aproximou-se deles, vinda do escritório do bar. Wren sentia que Nicolette o queria afastar da humana, mas tal como todos os que consideravam o bar a sua casa, Nicolette tinha medo dele. A sua raça era imprevisível. Mortal.

Todos o temiam. Exceto a mulher que tinha diante dele.

Mas é claro que ela não fazia ideia de que ele era um tigre escondido sob uma camuflagem humana.

— É melhor ir andando — disse a ela, afastando-se.

A mulher aproximou-se e tocou no braço de Wren que sentiu o baixo ventre sobressaltar-se em resposta. Necessitou de todas as suas forças para conter o animal que desejava possuí-la. Estava habituado a ceder a esses desejos.

Mas esta noite não podia. Fazê-lo implicaria magoá-la, e isso era a última coisa que queria.

— Lamento muito o que aconteceu — repetiu ela suavemente. — Foi indesculpável e espero que não lhe tenhamos causado problemas ou ofendido.

Wren não comentou nada quando ela percorreu Nicolette com o olhar, deu a volta e saiu.

Fora-se. Wren sentiu que o trespassavam com uma faca.

— Vamos, Wren — disse Nicolette. — Acho que é melhor acabares o teu turno agora e retirares-te.

Wren não discutiu. Precisava de algum tempo fora da sua forma humana, especialmente agora que se sentia tão volátil. Era como se o seu corpo estivesse eletrificado. A pairar. Nunca sentira nada igual em toda a sua vida.

Sem mais palavras, dirigiu-se para a cozinha, onde havia uma porta que conduzia à entrada do edifício onde os Predadores do Homem dormiam.

A Casa Peltier há muito que era um refúgio para as criaturas da sua espécie... criaturas exiladas dos seus clãs por diferentes motivos. Como Aimee dizia muitas vezes, eram todos refugiados e inadaptados.

Wren mais do que a maioria. Nunca pertencera a um clã animal. Nem o tigre nem o leopardo toleravam a sua existência mestiça. Ele era um híbrido mutante que nunca devia ter existido.

E, no entanto, era obrigado a reconhecer que nem os ursos o toleravam. Não confiavam. Era uma reação subtil. Pegavam nas crias sempre que elas brincavam com ele. Ou faziam como esta noite, isolando-o sempre que suspeitassem de que estava zangado.

Por isso gostava tanto de Nick que o tratava como se fosse uma criatura normal.

— *Ora essa!* — diria Nick. — *Todos somos estranhos à nossa maneira. Ao menos, tomas banho e não tenho de disputar raparigas contigo. Na minha terra, isso significa que és porreiro.*

Nick via o mundo de uma forma muito única.

Wren despiu a camisa molhada enquanto subia as escadas. *Marvin* corria atrás dele. A meio do lanço de escadas, sentiu-se perpassado por um mau pressentimento.

A mulher... Estava em apuros.

Wren conjurou mentalmente uma *T-shirt* preta para cobrir o corpo, sentindo a iminente ameaça mais intensamente. Sem uma palavra a *Marvin*, dardejou para fora do edifício, em direção à rua.

Capítulo

DOIS

MARGUERITE abrandou o passo quando voltou a sentir que alguém a observava nas sombras. Descia por Chartres, em direção à Jackson Square, para poder apanhar um táxi e chegar a casa o mais rápido possível.

Olhando à sua volta, quase esperou encontrar Wren na rua. Mas tal não sucedeu.

Deu, sim, com quatro homens de aspeto duvidoso que a fitavam com grande interesse. Mantinham-se ocultos pelas sombras como se não quisessem que ela os identificasse.

Sentiu medo.

Os homens pareciam-lhe demasiado atentos. Demasiado intensos e ameaçadores quando começaram a caminhar na sua direção.

Marguerite percorreu o espaço com o olhar, em busca de outras pessoas, mas àquela hora da noite, não havia ninguém na rua.

Nem sequer um grupo de turistas...

Está tudo bem. Mantém-te na zona iluminada e segue em frente. Eles não te tocam se te mantiveres visível.

Acelerou quando ouviu o barulho de pés a correr. Quando estava certa de que os homens seguiriam sem a abordar, um dos homens agarrou-a e empurrou-a para um pátio escondido, com o portão entreaberto.

Marguerite tentou empurrá-lo e fugir. O homem esbofeteou-a com violência.

— Passa para cá a carteira, cabra.

Marguerite estava tão assustada que nem lhe ocorreu tirá-la do ombro.

Os outros homens entraram para o local e fecharam o portão com força. Um deles arrancou-lhe a carteira, rasgando-lhe a camisa pelo caminho.

— Ei — disse ele aos outros três. — E se nos divertirmos um pouco com ela?

Antes que pudessem responder, o que estava a falar foi atirado ao chão. Alguém surgiu da escuridão e devolveu a carteira a Marguerite.

Marguerite procurou identificar o recém-chegado e sentiu uma enorme vontade de chorar quando viu que era Wren. Já não caminhava encolhido, erguendo-se agora em todo o seu esplendor... e numa postura dominante. Intensa. Havia um brilho feroz no seu olhar, e que não era completamente racional, quando se interpôs entre ela e os homens. Parecia capaz de matar todos sem pestanejar.

Os homens atacaram.

Marguerite cambaleou para trás e observou com temor a forma como Wren os repelia com uma habilidade incrível. Um assaltante atirou-se a ele com uma faca. Wren apanhou o pulso do homem e torceu-o até estalar e a faca lhe cair da mão. De seguida, Wren desferiu um golpe com tanta força que o assaltante embateu na parede.

Um outro tentou aproximar-se de Wren por trás, mas foi imediatamente atirado ao chão, mergulhando de cabeça, enquanto outro tentava agredi-lo por trás. Atacou Wren com toda a força, mas este não cambaleou nem mostrou sinal de dor. Voltou-se para o homem e retribuiu o golpe.

Marguerite sentiu algum alívio, mas, entretanto, um dos assaltantes puxou de uma arma e lançou-se contra eles.

Aterrorizada, susteve a respiração quando Wren parou.

Um microssegundo depois, o homem disparou. Wren correu para ele e arrancou-lha das mãos. Os outros três homens puseram-se em fuga enquanto Wren espancava o que tinha a arma. O homem caiu ao chão e fugiu logo a seguir.

— Está bem? — perguntou Marguerite, correndo para Wren. — Está ferido?

— Estou bem — respondeu Wren, pegando na arma que estava no chão. Abriu-a, tirou as balas e depois fê-la em migalhas, atirando-a à parede de pedra. De seguida, voltou-se para observar Marguerite, enquanto atirava as balas para a escuridão.

— Magoaram-na?

— Não. Graças a si, estou bem.

Suspirando de alívio, Marguerite tremia tão violentamente que não

sabia se as suas pernas conseguiriam mantê-la de pé. Queria muito tocar-lhe para demonstrar a sua gratidão, mas algo nele dizia que não queria ser tocado.

Os olhos de Wren denunciavam uma onda de cólera à medida que observava a camisa rasgada de Marguerite. E ela percebeu que ele estava disposto a perseguir os assaltantes até às últimas consequências, o que a reconfortava grandemente.

— Não costumo fazer nada assim tão estúpido — disse ela timidamente. — Tentei chamar um táxi, mas disseram-me que demorariam de trinta a quarenta minutos. Pensei que podia atravessar o parque e chamar um, ou esperar no Café Du Monde, onde seria mais seguro. E, de repente, estavam atrás de mim. Graças a Deus, apareceu.

A gratidão de Marguerite parecia incomodá-lo.

— Vamos — disse-lhe, Wren, indicando a rua. — Acompanho-a até em casa.

Marguerite hesitou perante sua oferta.

— Vivo logo a seguir ao jardim zoológico. É demasiado longe para irmos a pé.

Wren parecia discordar.

— Eu ponho-a em casa. Não se preocupe.

Marguerite colocou a carteira ao ombro, enquanto ele metia as mãos nos bolsos e a conduzia para fora do pátio, de regresso à rua principal. Wren já não vestia a sua *T-shirt* branca, mas uma preta que se moldava a um corpo em forma e firme. Embora não fosse desenvolvido como um culturista, era possível ver-se cada músculo bem definido no seu corpo.

Ele era incrivelmente atraente. E, naquele momento, era o seu herói. Marguerite nunca se sentira tão grata a ninguém. E ele mal podia adivinhar que podia fazer o que quisesse com ela que não se importaria. Aliás, o que ela mais queria era que ele a abraçasse para a ajudar a acalmar os nervos, mas ele não parecia estar minimamente interessado.

Marguerite sentiu a familiar pontada de não ser mais do que uma amiga para os homens. Por uma vez na vida, desejava que um homem a olhasse com paixão. Que um homem a achasse atraente e bela. Mas nunca o faziam, a não ser que estivessem interessados em chegar a seu pai.

Era como se fosse invisível. Cruzou os braços e suspirou, permitindo que a dor familiar penetrasse o seu coração.

Enquanto caminhavam, Wren não falou. Pelo contrário, manteve sempre a cabeça baixa e o olhar fixo no chão. Ainda assim, Marguerite sabia que ele estava completamente consciente de tudo o que os rodeava.

Só desejava que ele estivesse um pouco mais consciente da sua presença.

Wren matinha os dentes cerrados com força. Conseguia cheirar o desejo e nervosismo de Marguerite. Mas não sabia como deixá-la mais à vontade. Não costumava falar muito com ninguém. A maioria das pessoas parecia preferir o seu silêncio, ou ignorava-o completamente. O que era perfeito para ele.

E era necessária bastante concentração para manter a forma humana, estando assim ferido. O disparo não o tinha falhado. Tinha-o atingido em cheio no ombro direito e doía muito. Estava a consumir uma quantidade extraordinária de energia mágica para ocultar o sangue e o rasgão na camisola.

Mas não queria que ela soubesse. Poderia sentir-se mal por saber que ele tinha ficado ferido defendendo-a. Ou, os deuses o proibissem, podia querer tentar arranjar um médico, que era a última coisa de que ele precisava.

Ou, pior do que isso, podia não sentir nada, o que o deixaria zangado. Os humanos tinham emoções muito estranhas que ele não compreendia muito bem.

— Trabalha há muito no bar? — perguntou ela.

— Nem por isso.

Mas a resposta não parecia suficiente.

— Estuda? Ou trabalha o dia todo no bar?

— Estudo.

Era mentira e não sabia porque a tinha dito. Kyle Peltier — o membro mais jovem do clã Peltier dos ursos — e outros dois empregados frequentavam a universidade, mas Wren não se misturava com os humanos e, por isso, não se importava.

Aquilo que precisava de saber para sobreviver não tinha sido aprendido em nenhuma sala de aula.

Mas, por alguma razão que ele próprio não conseguia compreender, desejava parecer normal para ela. Queria que ela pensasse nele como um homem perfeitamente vulgar que acabara de conhecer.

Ser diferente nunca o tinha incomodado antes, mas, esta noite, sim. Era uma estupidez. Ele era um estranho até no mundo dos Predadores do Homem. E no mundo humano... seria fechado numa jaula se soubessem da sua existência.

— Onde anda? — perguntou ela inocentemente.

— Na UNO.

A Universidade de Nova Orleães era sempre uma aposta segura. Dois dos empregados, Tony e Mark, andavam lá, e Wren tinha-os ouvido falar das aulas o suficiente para poder mentir a respeito das disciplinas, dos professores e do *campus*, se precisasse. E ela parecia ser demasiado refinada

para andar numa universidade estatal. Era mais provável que frequentasse Tulane ou Loyola.

Marguerite deteve-se e ofereceu-lhe um sorriso que o excitou instantaneamente.

— Já agora, chamo-me Marguerite Goudeau.

O reconhecimento foi imediato quando escutou o seu nome. Tinha-o ouvido várias vezes nos últimos dois anos.

— É a Maggie, a companheira de estudo do Nick.

Marguerite sorriu novamente.

— Imagino que o Nick tenha falado de mim.

Sim. Nick era apaixonadíssimo por ela. Queria tê-la convidado para sair, mas nunca o tinha feito.

— *Ela é como Vénus, e tendo visto Vénus uma ou duas vezes, sei que nenhum simples mortal tem o direito de lhe tocar.*

Wren supunha que a advertência se aplicasse também aos tigres. Nick tinha razão, Maggie era muito especial.

— Ele disse que era a mulher mais inteligente que ele alguma vez tinha conhecido, mas que não estudava nada.

Ela riu-se. O som era musical e suave, excitando-o mais do que deveria.

— É mesmo típico do Nick.

Marguerite pigarreou com algum desconforto quando Wren a fitou com um olhar intenso. Havia algo de tão bestial nele que quase a assustava. Marguerite sentia-se como se estivesse perdida na selva, encurralada por uma besta faminta.

— Desculpe — disse ele, voltando a fitar o chão. — Não queria deixá-la nervosa outra vez. Sei que as pessoas não gostam que eu olhe para elas.

Marguerite não apreciou o comentário acanhado. E ficara com a impressão de que a situação o magoava.

— Não me importo.

— Importa-se, sim. Está a ser simpática.

Wren retomou o caminho.

Como podia ele saber disso? A maioria dos homens raramente era tão intuitiva. Marguerite correu para o alcançar.

— O macaco que vi no bar é o seu animal de estimação?

Wren negou com a cabeça.

— O *Marvin* não é de ninguém. Ele só gosta de estar comigo.

Marguerite riu-se com a doçura das palavras de Wren.

— Nunca tinha conhecido alguém que tivesse um macaco como amigo.

Wren bufou em desacordo.

— Não sei se será assim. Parece-me que aqueles dois tipos com quem estava se confundiriam como primatas, mas enfim, isso seria insultar os primatas e eu não quero que o *Marvin* se zangue comigo. Ele é muito sensível, sabe?

Marguerite estava divertida com as palavras de Wren.

— É bem capaz de ter razão. Mas não são meus amigos. Só estudo com eles.

Marguerite não ignorou o olhar de estranheza de Wren quando lhe perguntou:

— Porque estuda com imbecis?

Talvez devesse ficar incomodada com os comentários de Wren sobre o seu grupo, mas para quê? Até concordava com ele.

— Por hábito. Conheço o Todd e o Blaine desde pequena. Tem de entender que eles não tiveram uma vida fácil. Ambos têm problemas pessoais sérios causados pela separação ou ausência dos pais.

Wren não parecia impressionado com a argumentação de Marguerite.

— Os pais deles alguma vez tentaram matá-los?

— Não — respondeu ela, espantada com a pergunta. — Claro que não.

— E as suas mães disseram-lhes que eram abominações que deviam ter sido comidas à nascença?

— É óbvio que não.

— Os pais deles alguma vez tentaram vendê-los a um jardim zoológico?

Ora, agora estava a ser simplesmente ridículo e foi com esforço que Marguerite não revirou os olhos. — Nenhum pai faria tal coisa.

O olhar dele parecia dizer-lhe que estava a ser ingénua por acreditar em tal coisa.

— Então, acredite que a vida deles não foi assim tão má.

Marguerite deteve-se enquanto ele continuou a andar. Estaria a falar a sério? Não, só podia estar a brincar. Tinha de estar. Ninguém tentava vender um filho ao jardim zoológico. Que estupidez! Wren só estava a citar exemplos para provar que tinha razão. Voltou a correr para alcançá-lo.

— E os seus pais? — perguntou, tentando racionalizar aquelas palavras. — Fizeram-lhe isso que descreveu?

Wren não respondeu, mas algo na sua atitude lhe dizia que não estaria muito longe da verdade...

Não, nenhum pai faria isso a um filho. O seu pai era um completo imbecil a maioria das vezes e nem ele tinha sido *assim tão* mau.

— Wren? — chamou ela, fazendo-o parar. — Seja honesto. Os seus pais alguma vez tentaram vendê-lo a um jardim zoológico? A sério. Diga a verdade.

Ele imediatamente se libertou do toque dela.

— Há uma canção dos Dead Milkmen que os Howlers interpretam quando tocam no bar. Chama-se *VFW: Veterans of a Fucked Up World*. Conhece?

— Não.

— Devia. Diz muitas coisas acertadas — algo brilhou no seu olhar, como um pesadelo que ele tentava espantar. A profunda tristeza que neles se lia feriu-a. — Todos temos cicatrizes, Maggie. Esqueça o que lhe disse e deixe-me levá-la a casa para depois eu também me poder arranjar.

Wren voltou-se e continuou o caminho.

Marguerite seguiu-o, perguntando-se sobre as cicatrizes que ele referira. Wren possuía uma sabedoria antiga no seu olhar, tendo em conta que era tão jovem. Uma sabedoria que lhe dizia que ele tinha vivido muito além dos seus aparentes vinte e poucos anos.

— Sabe, ajuda se falar disso. A sério. É mais fácil libertarmo-nos do passado quando o partilhamos com alguém.

Wren arqueou uma sobrancelha.

— Reparei que não está a partilhar a sua infância comigo, Maggie. E eu não a conheço suficientemente bem para lhe falar da minha.

Ele tinha razão. Maggie escondia muito sofrimento dentro de si, fazendo-a pensar no que ele carregaria dentro de si. Wren parecia um desalojado. Dos que tinham sido atirados à rua ainda muito jovens. Possuía aquela dureza destemida que os distinguia. Aquela expressão cínica de alguém habituado a ser usado e descartado.

E dava-lhe uma vontade imensa de o abraçar. Mas tinha visto o suficiente da sua fúria para saber que ele não gostaria do gesto. E, afinal, tinha de reconhecer que ele não se tinha perdido na vida. Trabalhava e estudava. Esses dois factos diziam bastante da sua personalidade. A maior parte das histórias que conhecia de pessoas que moravam nas ruas terminava em crime.

Wren salvara-lhe a vida e certificava-se de que ninguém mais a incomodava. Era um ser humano decente.

Wren conduziu-a por Decatur Street, em frente à praça, onde rapidamente chamou um táxi que a levasse para o seu apartamento redecorado e que ficava apenas a dois quarteirões do Jardim Zoológico de Audubon.

À medida que avançavam pelo quarteirão, Maggie sentia que Wren a observava, embora não conseguisse divisar os seus olhos na escuridão. A sensação era intensa e inquietante.

Sem uma palavra, sem se mover um milímetro, Wren manteve-se escondido nas sombras do táxi, como um predador à espera da próxima refeição. Havia algo completamente estranho na forma como ele se posicionava. Parecia que tinha deixado de respirar. Era como uma estátua humana.

Nervosa, Marguerite observou como as luzes da rua recortavam os ângulos do rosto dele. Era extremamente incómodo estar ao lado de um homem que transpirava uma aura tão primitiva, e ela ainda nem lhe tinha visto o rosto em todo o seu esplendor.

O silêncio só se desfez com o som do CD do taxista. Marguerite tentava pensar em algo para dizer, mas como Wren nem sequer se esforçava, achou melhor seguir-lhe o exemplo.

Quando, finalmente, chegaram ao destino, Wren pediu ao condutor que esperasse por ele, saindo para acompanhá-la à porta.

Os seus gestos eram estranhamente doces. E em nada combinavam com o ar perigoso que se lhe colava como uma segunda pele.

— Bom, cá estamos nós — comentou ela enquanto procurava as chaves na carteira. — Lar doce lar.

Abrindo a porta, Marguerite procurava decidir se devia ou não convidá-lo a entrar. Em parte, queria muito fazê-lo, mas temia ser recusada. Regra geral, os homens viam-na como uma amiga, nunca como uma namorada. Era algo que sempre a tinha incomodado, e esta noite não se sentia capaz de lidar com a rejeição, depois de tudo o que se tinha passado. Além disso, precisava de ficar um pouco sozinha, para se acalmar.

Wren pressentiu a incerteza de Marguerite, ainda à entrada da porta. O seu lado animal estava em estado de alerta e no limite. Era da sua natureza atacar quando sentia a vulnerabilidade, mas com ela era diferente. Queria tranquilizá-la.

E isso assustava-o.

— Boa noite — disse ele por fim, afastando-se. Precisava de criar alguma distância entre ambos.

— Wren? — ele parou para a fitar. — Muito obrigada. Jamais poderei pagar o que fez por mim.

Ele inclinou a cabeça em assentimento.

— Sem problema, Maggie. Mas não se meta em sarilhos.

Voltou-se novamente no sentido do táxi.

— Quanto lhe devo pelo táxi? — perguntou ela.

Wren dispensou a pergunta com um aceno de mão. Sentia-se tentado a rir-se da oferta. Porque pensaria ela que ele cobraria dinheiro por acompanhá-la a casa?

Mulheres... nunca as compreendera.

Parou à porta do táxi e olhou rapidamente para trás, encontrando-a

emoldurada pelo vão da porta da entrada. Estava tão frágil e bela. Queria tanto beijá-la que quase sentia aqueles lábios carnudos e tentadores colados aos seus. Mas, mais do que isso, queria saborear o resto do seu corpo. Queria conhecer cada perfume e curva da sua carne...

Sentia as hormonas completamente descontroladas. O corpo parecia em chamas e desperto. Não sabia se seria capaz de lidar com aquilo. Para ser sincero, assustava-o. Se perdesse o controlo, facilmente a magoava ou matava.

Conseguia já imaginá-la nua. Vê-la debaixo de si enquanto a possuía, não como um animal, mas como um homem...

Vai-te embora!

Não tinha escolha. Aquele não era o seu lugar e não podia estar com ela.

Não pertencia a lado nenhum. Por mais que desejasse que fosse de outra maneira, nunca seria possível. A sua vida teria de ser vivida na solidão.

FOI com muito esforço que Marguerite resistiu ao olhar devorador de Wren. Ela nunca tinha estado tão interessada num homem, sobretudo um a quem nem conseguira ver o rosto completamente.

Era ridículo. Contudo, não podia negar a forma como o seu corpo se sentia. Devia ter-lhe pedido o telefone ou o e-mail.

Wren entrou no táxi e fechou a porta com uma finalidade que ecoou pelo corpo de Marguerite.

Observou o táxi partir, sentindo um desejo inexplicável de dizer a Wren que voltasse. Partira com um olhar triste que a comovera profundamente.

Mas era demasiado tarde. Ele tinha partido. E, provavelmente, nunca voltariam a ver-se.

ENQUANTO Wren pagava ao taxista, a um quarteirão do edifício de Maggie, sentia-se já a transpirar pelo esforço de se manter na sua forma humana. Tinha de sair dali e chegar a casa em segurança. Se perdesse os sentidos enquanto humano, imediatamente se transformaria na sua verdadeira natureza. E não podia de maneira nenhuma ser apanhado sob a forma de um enorme gato.

Seria um bilhete só de ida para um qualquer laboratório do governo perdido no nada. Tinha visto muitos episódios dos *Ficheiros Secretos* e da *Buffy*, e sabia que era o último lugar para onde iria.

Desaparecendo nas sombras das traseiras de uma garagem, correu para a Casa Peltier, dirigindo-se à sala de exames de Carson Whitethunder.

Carson era um Homem-Falcão e o veterinário residente para todos os habitantes não-humanos do Santuário de Nicolette Peltier — que não eram poucos. Aquele espaço tinha sido criado há vários séculos, para servir de refúgio a qualquer espécie. Os próprios Peltier eram Homens-Urso, enquanto os restantes eram leopardos, panteras, lobos e um dragão. A única espécie ausente era o chacal, embora os chacais fossem ainda mais estranhos do que a maioria das espécies que residia ali. E, portanto, os próprios chacais mantinham-se à distância dos Predadores do Homem.

Como era habitual, Carson estava no seu escritório, a ler um texto científico. Americano nativo na forma humana, graças ao seu pai humano, Carson tinha o cabelo comprido e negro, usando-o sempre apertado num rabo-de-cavalo. As suas sobrancelhas negras sobrepunham-se a uns olhos peculiares cor de avelã. Esta noite, vestia uma camisola de gola alta verde-escura, *blazer* e calças de ganga.

Wren aproximou-se e bateu no vidro da porta antes de entrar. Carson olhou para cima.

— Dá-me um segundo, Wren.

Wren tentou, mas as pernas cederam finalmente. Um instante depois, transformou-se na sua verdadeira forma, metade tigre branco, metade leopardo das neves. Não gostava nada. Normalmente, escolhia apenas uma das formas, mas assim, ferido...

Era o melhor que conseguia fazer.

Carson levantou-se imediatamente e correu para Wren.

— Que aconteceu?

Mas Wren não podia responder. Estava a tentar manter-se consciente, mas assim que Carson lhe tocou na ferida e a dor o atravessou como um relâmpago, tudo ficou escuro.

CARSON praguejou quando viu o sangue que ensopava a parte inferior do peito de Wren. Pegou no telefone do escritório e telefonou para a sua assistente.

— Margie, vem já para o laboratório. O Wren foi alvejado.

Carson chamou ainda um casal de ursos do piso inferior para o ajudarem a pegar em Wren e colocá-lo na mesa de operações. Embora Carson, enquanto Predador do Homem, fosse mais forte do que a maioria dos humanos, Wren era um tigre extremamente grande, pesando cerca de trezentos e cinquenta quilos na sua forma animal. Nem se atrevia a tentar levar o gato para a mesa de operações sozinho.

Pai Peltier foi o primeiro a aparecer. Com cerca de dois metros de altura na sua forma humana, era uma visão temível. O cabelo loiro compri-

do e ondulado flutuava em torno de um rosto que parecia andar perto dos quarenta anos, em idade humana. Na realidade, o urso estava mais perto dos quinhentos. Vestido com uma *T-shirt* azul marinho e calças de ganga, Pai Urso era rijo e sério... o tipo de homem ou urso que só um tolo provocaria.

Franziu o sobrolho quando viu o tigre no chão.

— Que diabo aconteceu?

— Não sei — respondeu Carson enquanto aplicava pressão no peito de Wren. — É mesmo um ferimento de bala. Não sei o que se passou. Bateu à porta e caiu, inconsciente.

Um segundo depois, três dos quatro gémeos Peltier entraram e ajudaram Carson a colocar Wren na mesa cirúrgica. Margie entrou de seguida e rapidamente preparou a sala para a cirurgia.

Margie Neely era um dos poucos humanos que conhecia a verdadeira natureza dos membros do santuário. Era uma mulher pequena e ruiva que tinha sido empregada no bar até que um deslize lhe tinha revelado a identidade dos Predadores. Tinha reagido de forma tão tranquila que eles a acolheram na sua comunidade e custearam a formação para se tornar assistente de Carson.

Dev Peltier, que tal como os irmãos era uma cópia mais jovem do pai, afastou-se para deixar Carson auscultar Wren novamente.

— Ontem à noite, ele estava a discutir com uns humanos — comentou o jovem urso. — Separei-os e mandei-os para casa. Achas que um deles voltou e lhe fez isto?

— *Naaa* — disse o irmão gémeo Remi, enquanto se afastava da mesa onde tinham colocado Wren. — Eram uns totós endinheirados. Não se atreviam a pôr em perigo os seus fundos por algo assim.

Dev suspirou.

— Tratando-se do Wren, não há como saber com quem se meteu. Mas sabemos que foi um humano. Nenhum Predador do Homem usaria uma arma. Seria de muito mau gosto.

Pai Urso concordava.

— Vamos, rapazes, deixemos o Carson trabalhar. Quando o Wren despertar, descobrimos o que se passou.

Os ursos retiraram-se e Carson desinfetava as mãos.

Quando Margie tocou o lado de Wren para prepará-lo, este despertou com um grunhido cruel, dando-lhe uma patada.

Margie afastou-se com um impropério e amparou o braço contra o peito.

Carson franziu o sobrolho quando viu que Wren a tinha arranhado.

— Caramba, tigre — grunhiu ele, instantes antes de lhe administrar

um tranquilizante. Wren ainda se debatia com Carson até o sedativo finalmente fazer efeito. — Modera a energia.

— Eu estou bem — disse Margie, enfaixando o braço. — A culpa foi minha. Não me ocorreu que pudesse despertar. Devia ter tido mais cuidado.

Carson negou com a cabeça enquanto inspecionava o ferimento que Wren lhe fizera. Ela ia precisar de pontos.

— Devia ter-te avisado. Os da sua espécie são extremamente cruéis quando estão feridos. Não gostam dos outros e são conhecidos por desfazer em pedaços quem se aproximar.

— Sim, eu estava no bar quando os humanos lhe atiraram uma bebida à cara. Ainda não sei como o Justin e o Colt conseguiram afastá-lo deles antes que os atacasse.

Carson deixou escapar um suspiro.

— O Wren está a ficar cada vez mais instável. Não sei quanto tempo mais poderá ficar aqui.

Carson percebeu a preocupação de Margie quando ela o fitou.

— Foi o que a Nicolette disse depois de mandar o Wren para a Casa Peltier. Se ele voltar a atacar assim, ela vai mandá-lo embora.

Carson voltou-se para o seu paciente inconsciente.

— E Deus tenha piedade dele, se isso acontecer. O melhor a fazer era retirar-lhe os poderes e deixá-lo numa floresta tropical qualquer. Deviam ter feito isso logo, em vez de o trazerem para cá.

— A Nicolette está preparar-se para isso. Como o pai dele ficou louco, ela acha que o Wren terá o mesmo fim.

Carson voltou a fitar Wren. Tinha um nó no peito. Conhecia o tigre desde que tinha sido levado para ali, há quase vinte anos atrás. Traumatizado pela morte violenta dos pais, Wren estava a entrar na puberdade. Os seus poderes eram muito instáveis. Mas tinha sido muito difícil tirar-lhos, porque ele não se aproximava de ninguém. Não permitia o contacto de ninguém e, como consequência, não havia quem o controlasse.

Mas agora...

Agora as defesas de Wren estavam completamente em baixo. Pelo menos, boa parte do tempo. Seria fácil apanhá-lo desprevenido e despojá-lo dos seus poderes.

Mas esse ato era o último recurso para os da sua raça. Estava reservado àqueles que não podiam adaptar-se ao mundo humano. Ou aos que ameaçavam expor os Predadores do Homem ao escrutínio público.

Wren nunca quisera integrar-se. Orgulhava-se de ser um inadaptado e um excluído da sociedade. Ninguém se importava, porque trabalhava no bar e nem tentava falar com os humanos.

Esta noite, isso tinha mudado. Ele tinha ido atrás de uma fêmea humana. O contacto com fêmeas não estava proibido. A maior parte dos machos da espécie tinha amantes humanas de vez em quando. Mas eles tinham de ter cuidado com quem escolhiam.

Se a indiscrição de Wren os ameaçasse, então não haveria escolha. Ele seria sacrificado num abrir e fechar de olhos.

Capítulo

TRÊS

— **RAIOS** te partam, tigre. Mas que andaste tu a fazer? Além de teres levado um tiro.

Ainda na sua forma natural, Wren abriu os olhos e viu que Dev entrava no seu quarto. Olhou para o relógio na mesa-de-cabeceira e viu que passava pouco do meio-dia — era demasiado cedo para se levantar, especialmente quando estava muito ferido.

Mas espantava-o o facto de o urso estar a pé e na sua forma humana, entrando pelo seu quarto adentro. A maioria dos Katagaria tinha muita dificuldade em manter a forma natural até depois de anoitecer. Eram criaturas noturnas.

E, já agora, os ocupantes da Casa Peltier sabiam que os tigres não gostavam de ser incomodados, especialmente enquanto dormiam.

Sem mudar a forma animal, Wren levantou a cabeça do travesseiro para observar Dev aproximar-se da cómoda. Grunhiu ao urso em advertência, mas este não lhe prestou atenção, colocando um arranjo floral em cima do armário.

Wren começou a mudar de posição na cama, mas a ferida ainda era recente. Por isso, rugiu ameaçadoramente.

— Calminha, tigre estúpido — disse Dev num tom irritado. — Se alguém tem o direito de estar chateado, somos nós. Reparaste que estou em forma humana? Achas que quero estar acordado, e desta maneira, a esta hora do dia?

O urso tinha razão.

— E sabes porque estamos a pé?

Como se lhe importasse. Se Wren estivesse na sua forma humana, estaria a fitar o urso com desprezo.

Incerto do estado emocional de Wren, Dev respondeu à própria pergunta.

— Porque todos pensávamos que estas flores eram para a Aimee. Nunca deveres ter visto uns ursos a correrem tão depressa como nós, quando a *Maman* nos disse que iam entregar montes de flores aqui. Estávamos preparados para acertar contas com o tipo que as tivesse enviado, quando o rapaz das entregas nos disse que eram para ti.

Dev aproximou-se da cama e tirou um pequeno cartão do bolso de trás das calças de ganga.

— Diz: «Obrigada pela noite de ontem» — Dev dedicou-lhe um sorriso afetado. — E depois? Finalmente, tiveste sorte e encontraste alguém suficientemente desesperado para te dar uma rapidinha?

Wren lançou uma dentada a Dev que saltou para trás, afastando-se da cama. Dev fitou-o, irritado.

— Acho bem que pares, ou isto acaba mal. Não me importa se estás ferido ou não.

— *Nem eu, imbecil* — disse-lhe Wren, mentalmente.

Dev cravou os olhos em Wren.

— Ena. Várias sílabas e uma frase inteira do tigre. Quem diria? Quem quer que ela seja, deve ter muito talento, para *te* fazer falar. Daqui a nada, ressuscita os mortos. Rápido, chama um Predador da Noite. De certeza que muitos deles gostariam de outra ressurreição.

Wren rosnou, mas antes que conseguisse agir, viu que quatro irmãos de Dev traziam ainda mais flores. Muitas mais flores. Em poucos minutos, o quarto parecia uma agência funerária.

Assim que as flores ficaram todas amontoadas à volta da cama e da cómoda, os homens saíram, à exceção de Dev e do seu irmão mais novo, Serre.

Serre abanou a cabeça loira, pondo-se aos pés da cama para fitar Wren.

— Caramba, Wren. Estou impressionado. Nenhuma mulher me enviou flores a agradecer.

Dev bufou.

— Não fiques tão impressionado. Não me parece que as flores sejam por isso. Uma flor diz «obrigado». Estas dizem que ela acha que ele está morto. Ou que acha que o matou. Dev percorreu a habitação com olhar especulativo. — Hmm... estava aqui a pensar que, se ela colocou um tigre na cama e isso não foi suficiente para aliviá-la, então precisa é de um urso.

Wren atirou-se a Dev, mas antes que conseguisse apanhar o urso, Serre puxou o irmão para trás.

— Para com isso, Dev. Não te metas entre o tigre e esta mulher.

— Porque não?

Wren colocou-se em posição de ataque, em cima da cama. Desta vez, não falharia.

— Olha para ele — disparou Serre.

Empurrou Dev para que saísse do quarto e, depois, voltou-se para Wren.

— Descansa, tigre. Não se passa nada.

Wren voltou a instalar-se na cama quando Serre fechou a porta. Mas ainda conseguia escutá-los no corredor.

— Meu Deus, Dev, perdeste o juízo? Não brinques com aquele tigre psicótico. Ele já estava a espumar pela boca. Ainda pensam que tem raiva.

Dev troçou.

— Sim, mas provocá-lo é como atirar comida ao Kyle. É muito divertido.

Serre fez uma expressão de nojo.

— Sim, e gostava muito que deixasses de atirar carne ao pobre Kyle no bar. Ele não se controla. Qualquer dia, transforma-se num urso, a Mamã tem um ataque e nós temos de controlar toda a gente e fazer com que não se lembrem de terem visto um homem a transformar-se em animal. Mas que grandessíssima dor de cabeça.

— Sim, mas não consigo evitá-lo.

Wren ouviu Serre grunhir ameaçadoramente ao irmão mais velho.

— Sabes bem que se não aprenderes a controlar-te, o pai mata-te.

— Mas até que isso aconteça, vou divertir-me muito às vossas custas.

Serre exalou um suspiro.

— Até lá, faz-nos um favor e deixa o tigre em paz. Sei bem que já experimentaste tudo o que ande sobre duas pernas... aliás, até tudo o que ande sobre quatro patas, mas esta rapariga é diferente para o Wren. Por uma vez na vida, deixa a libido de lado e corre atrás de um dos teus arran-jinhos habituais.

— Mas que se passa contigo? Estás louco? Não estou interessado na Menina Frígida Betinha que Anda na Faculdade. Porra. Ainda me nascia caqui nos dentes. Já viste? Nunca gostei de caqui e jamais quero ver uma mulher vestida dessa maneira. Tenho medo.

As vozes dos dois irmãos foram-se perdendo à distância. Wren caiu pesadamente na cama, aliviado por saber que Dev só estava a ser estúpido — como sempre — e não estava realmente interessado em Maggie. Aliás, só esse facto lhe tinha salvado a vida.

Por outro lado, Wren não devia sequer sonhar com Maggie. O que teria ela de tão especial?

Não importava. Não ia voltar a vê-la. Podia ser louco, mas não era suicida. Sair com um humano não lhe traria nada de bom. Nada.

ASSIM que saiu da última aula na faculdade, Marguerite dirigiu-se ao Bairro Francês. Decidira faltar ao grupo dessa tarde para ir visitar Wren. Queria muito agradecer-lhe em pessoa por tê-la salvado.

Era o mínimo que podia fazer.

Quando chegou ao bar, passava pouco das seis da tarde e já estava escuro. Analisando o interior do recinto, divisou um homem alto de cabelo escuro que trabalhava nas mesas. Não era particularmente atraente e tinha cabelo ralo e o corpo coberto de tatuagens coloridas.

Continuando a observar as pessoas no espaço, não viu sinal de Wren, mas encontrou a empregada da noite anterior, que se aproximava de uma mesa com uma bandeja carregada de bebidas.

Marguerite dirigiu-se para ela, enquanto distribuía as bebidas pelos homens que a olhavam embasbacados.

— Olá — disse Marguerite quando a mulher deixou a mesa. — O Wren trabalha esta noite?

A empregada fitou-a como se fosse uma criatura estranha.

— É a mulher que estava aqui ontem à noite com aqueles idiotas.

Marguerite corou.

— Sim, e as minhas desculpas.

— Bem as deve. Arranjou muitos problemas ao Wren.

Marguerite sentiu um aperto no estômago.

— Não queria que isso acontecesse. Por favor, não me diga que o despediram por isso. Não foi culpa dele. Eu não tinha maneira de saber que eles iam comportar-se assim.

A empregada ainda a fitava com alguma desconfiança.

— A sério, lamento muito. — Marguerite mostrou o presente que trazia na mão. — Eu só queria dar isto ao Wren como gesto de agradecimento.

— Agradecimento porquê?

Marguerite ficou triste quando se apercebeu de que a empregada não a ajudaria. Não admirava que fosse tímida. Era difícil ser de outra forma quando as pessoas eram assim tão rudes e antipáticas. Era mais fácil estar sozinha.

— Por favor, certifique-se de que entregam isto ao Wren — pediu ela, confiando-lhe o presente.

Quando ela ia a sair, a empregada deteve-a.

— Ouça, estava presente quando dispararam sobre o Wren ontem à noite?

Marguerite ficou imóvel com a pergunta. Teria ouvido bem?

— Desculpe?

— Esqueça — disse a loira, dando meia-volta com a prenda na mão. — Eu entrego-lhe isto.

Desta vez, foi Marguerite quem deu meia-volta para deter a empregada, agora francamente preocupada. Wren não podia estar ferido. Ela ter-se-ia apercebido se tivessem disparado sobre ele na noite anterior.

— A que se referia há pouco? — perguntou ela à empregada. — O Wren não foi baleado ontem à noite. A bala tocou-lhe de raspão... não foi?

A expressão da loira confirmou o receio de Marguerite. A bala tinha-lhe acertado.

— O que aconteceu? — perguntou Aimee.

Marguerite engoliu em seco, consumida pela culpa.

— Estava a ser assaltada e ele atirou-se a eles. Um dos tipos tinha uma arma, que disparou, mas o Wren disse-me que não estava ferido. Não vi nenhuma ferida nele.

Tinha de haver um ferimento de disparo, certo? Se ele tivesse ficado ferido, teria dito alguma coisa, pois afinal, ninguém leva um tiro sem se queixar...

— O Wren salvou-a? — perguntou a empregada, como se não pudesse acreditar que ele fosse capaz de tal coisa.

Marguerite assentiu com a cabeça.

— A bala tocou-lhe de raspão, certo?

— Não — respondeu a empregada com firmeza. — O Wren quase morreu ontem à noite.

Marguerite sentiu-se enjoada. Aquilo não podia estar a acontecer. A empregada só podia estar a brincar com ela.

— Em que hospital está?

Conseguia ver a hesitação na expressão da mulher sobre se lhe responderia ou não, e não podia censurá-la. Meu Deus, ela tinha feito com que insultassem Wren, o atacassem e disparassem sobre ele, tudo em menos de uma hora. Aquele pobre homem, provavelmente, nunca mais quereria vê-la na vida.

Aimee semicerrou os olhos, dando um passo atrás.

— Foi você que lhe enviou aquelas flores, não foi?

— Sim. Se soubesse que estava ferido teria enviado ainda mais.

A resposta parecia diverti-la.

— Espere. — Aimee devolveu a prenda a Marguerite, colocando-a ao lado de uma porta por trás do balcão. — Espere aqui que eu já volto.

Marguerite assentiu, notando os olhares hostis que os empregados do bar lhe davam.

Todos vestiam *T-shirts* rasgadas e calças de ganga, e, embora bonitos, transpiravam perigo. Pareciam aborrecidos com a sua presença naquela área do balcão, mas Marguerite não podia adivinhar o motivo...

A menos que soubessem do que acontecera a Wren e a culpassem por isso.

Nervosa e insegura, Marguerite voltou-se e deu de caras com o homem de cabelo comprido e escuro da noite anterior. Justin. Era esse o seu nome. Tal como os outros, ele fitava-a furiosamente. Não teceu qualquer comentário enquanto guardava os copos limpos.

Pareceu passar uma eternidade até que Aimee finalmente voltou para chamá-la.

— Siga-me.

Marguerite deixou escapar um suspiro aliviado quando a mulher a guiou pela enorme cozinha industrial. Havia cinco cozinheiros atarefados com panelas e fornos, enquanto outros dois homens lavavam os pratos numa banca enorme. Nenhum dos trabalhadores lhes prestou atenção. Pelo menos, até chegarem à porta ao fim da fila de largas mesas de aço. Um alto homem loiro estava parado diante dela, e parecia pouco satisfeito por Aimee querer que Marguerite passasse por ali. Aparentava ser o homem que os tinha expulsado do bar na noite anterior, mas ele parecia não se lembrar dela.

— O que estás a fazer, Aimee? — perguntou ele com um grunhido.

— Sai da frente, Remi.

— Nem penses.

Aimee cruzou os braços.

— Sai da frente, irmão, ou deixo-te a coxear.

Ele semicerrou os olhos.

— Não me assustas, fêmea. Podia arrancar-te a cabeça de um puxão e não me custaria nada.

— E eu posso magoar-te de uma maneira mais permanente — o seu olhar concentrou-se na virilha dele. — Agora, sai da frente, ou sofre as consequências.

Arrepanhando o lábio, deixou-a passar, contrariado.

— Ignore a cara feia — sugeriu Aimee enquanto abria a porta. — Não tem outra, coitado. Pode não acreditar, mas é muito mais agradável do que o seu sorriso. Esse então é horripilante.

Marguerite não sabia o que pensar à medida que Aimee a conduzia a uma sala antiquada, mas elegante. A casa era absolutamente linda. Estra-

nhamente, parecia que tinha acabado de entrar num portal do tempo ou algo parecido. Nada naquele lugar era remotamente moderno. Nada.

Os seus olhos recaíram sobre uma porta que continha cinco ferrolhos *Stanley* e um sistema de alarme que causaria inveja à NASA.

Certo, não seria inteiramente antigo. Mas à exceção daqueles artigos, era como entrar no cenário de um filme antigo.

Aimee levou Marguerite por uma intrincada escada esculpida à mão que conduzia ao segundo piso, consistindo numa fila de portas de mogno. A empregada só parou no meio do corredor.

Bateu à porta e abriu-a.

— Estás decente? — perguntou ela, mantendo-se de forma que Marguerite não pudesse olhar para dentro do quarto. Não houve resposta. — Sim, bom, tens uma visita. Por isso, tens de ser humano por uns momentos, sim?

Depois de uma curta hesitação, Aimee deu um passo atrás e abriu o resto da porta.

— Espero aqui fora até terminarem. Chame-me se precisar de alguma coisa. Depois, baixou a voz antes de continuar: — Um padre, a polícia, ou um domador de leões...

Marguerite franziu o sobrolho. Que coisa mais estranha de se dizer. Mas Marguerite começava a habituar-se à ideia de todos ali serem um pouco estranhos.

Deu um passo em frente, passando Aimee e entrando no quarto. Travou assim que viu Wren deitado numa enorme cama baixa, sob um edredão negro que combinava com as cortinas. Estava branco como a cal. As flores que ela tinha enviado estavam dispostas numa fila na cómoda e diante desta, mas, fora isso, não havia absolutamente nenhum artigo pessoal no quarto que o identificasse como dele. Parecia o de um visitante que contava ficar apenas por uma noite ou duas.

Marguerite sentia o coração bater descompassadamente, à medida que se aproximava dele. A respiração dele parecia difícil, e uma enorme ligadura cobria-lhe o ombro e o peito. O edredão negro dobrava-se sobre a parte inferior do corpo, pelo que estava nu da cintura para cima, exibindo um peito e braços francamente tonificados. O homem era incrivelmente bem constituído, com os seus abdominais bem trabalhados. Os únicos pelos no corpo eram loiros e formavam um trilho que partia do seu umbigo para desaparecer debaixo do edredão.

Mas o que realmente chamou a atenção de Marguerite foi a dor intensa que ele claramente sentia.

Marguerite ajoelhou-se ao lado da cama, consumida por um enorme sentimento de culpa. Tudo por causa dela. Tudo...

— Porque não me disse que tinha ficado ferido?

Ele não respondeu. Em vez disso, estendeu a mão e afastou-lhe uma mecha de cabelo do seu rosto.

— Não devia ter voltado aqui, Maggie.

A mão dele era áspera e calosa. Ao contrário dos homens que ela conhecia, as suas mãos estavam habituadas ao trabalho duro, não a manicuras cuidadas.

— Queria trazer-lhe qualquer coisa para agradecer a ajuda de ontem à noite.

Wren percorreu as flores com o olhar. Os ursos e outros Predadores do Homem tinham-no gozado. Não se importava. Para ele, aquelas flores eram incrivelmente valiosas.

Nunca lhe tinham dado nada. Ninguém.

Tentou elevar-se, mas Maggie deteve-o.

— Não se devia mexer.

A preocupação no rosto de Maggie comoveu-o.

— Eu estou bem.

— Não — Maggie apontou para a ligadura, onde uma nova mancha vermelha se formava. — Veja, está a sangrar. Quer que chame alguém?

Ele negou com a cabeça.

— Isto passa.

Os belos olhos castanhos e tristes de Marguerite fitavam-no, desconfiados.

— Não posso crer que não me disse que lhe tinham acertado ontem à noite. E se tivesse morrido?

Wren riu-se.

— Já levei tiros suficientes para saber que me safo.

Marguerite olhou-o, incrédula. Estaria a falar a sério? Com ele, nunca sabia com toda a certeza. Atirava-lhe conjecturas nas conversas que pareciam demasiado horrorosas para serem verdade, mas a forma assertiva como as dizia fazia-a acreditar que talvez fossem.

— Quem o feriu mais?

Ele não respondeu à pergunta quando se elevou na cama. O seu cabelo voltou a descair sobre os olhos, ocultando-lhe uma vez mais o rosto. Maggie começava a suspeitar que ele fazia isso de propósito, para poder observar o mundo sem que ninguém pudesse observá-lo também.

Ainda assim, viu uma pequena gota de suor escorregar pelo lado do seu rosto, pelo esforço de se manter acordado.

— Não me demoro muito — disse ela, entregando o saco.

Wren fitou-o como se fosse um extraterrestre. Chegava a ser engraçado. Até parecia que o homem jamais tinha recebido um presente antes.

— O que é isto? — perguntou ele.

— Abra-o.

Wren franziu o sobrolho, pegando no papel de seda por cima da embalagem e colando-o ao rosto.

— O que está a fazer? — perguntou ela, agora também intrigada.

Sem responder, Wren pousou o papel e olhou para dentro, tirando uma *T-shirt* cinzenta. Maggie sorriu, vendo-o confuso.

— Sei que disse que frequentava a UNO, mas não o imaginava com um pirata ao peito. Vi essa t-shirt do tigre da LSU³ numa loja e tive de comprá-la. Sei que é estranho, mas sempre tive um fraquinho por tigres e achei que lhe ficaria bem.

Wren inclinou a cabeça como se estivesse completamente perplexo ou intrigado com as suas palavras.

— Obrigado, Maggie.

O som do seu nome nos lábios dele fê-la tremer. Ela adorava a forma como ele o dizia — segura, profunda e protetora. Era quase uma carícia.

— Posso fazer mais alguma coisa por si? — perguntou ela.

Wren ficou completamente rígido. A única coisa que ele queria era a única que nunca poderia pedir — tê-la nua na sua cama. E esse desejo causava-lhe um profundo e inexplicável ardor no seu peito.

— Estou bem.

— De certeza? Podia trazer...

— Aimee? — chamou ele, interrompendo-a.

A porta abriu-se imediatamente para mostrar a empregada. Ela observou-os muito rapidamente antes de se aproximar da cama.

— Ela tem de ir — disse Wren.

Aimee assentiu e aproximou-se de Maggie, que a ignorou.

— Wren...

— Preciso de descansar, Maggie. Por favor.

Marguerite hesitou ao escutar a tensão na sua voz. Como podia ela discutir com ele? Ele estava gravemente ferido por lhe ter salvado a vida, quando a maioria dos homens teria mudado de direção, sem se incomodar.

— Claro.

Marguerite inclinou-se sobre cama para lhe beijar a face.

Wren mal podia respirar, sentindo o desejo tomar-lhe conta do corpo. Foi com enorme esforço que não a puxou para a cama...

Sem pensar, puxou-a para si quando se ia afastar e levou os lábios aos dela. Grunhiu de desejo quando sentiu o seu doce sabor. A brandura daqueles lábios colados aos seus. Era a primeira vez na sua vida que saboreava

³ LSU (Louisiana State University) - Universidade do Estado de Louisiana. (N. do T.)

uma mulher, mas sentia que nenhuma outra poderia saber melhor do que aquela. Ela era incrível.

Os lábios de Maggie eram suaves e decadentes. Evocavam uma fome atroz dentro dele que só se apaziguaria com ela. Era uma fome que o assustava e o emocionava de uma maneira que ele nunca teria pensado possível.

Não devia sentir-se assim. Não por uma humana. Por ninguém.

Deus os salvasse daquelas emoções em chamas.

Marguerite gemia enquanto se deleitava com a animalesca habilidade da boca de Wren. A sua língua cruzava com a dele, fazendo-a tremer. Ele cheirava a pachuli e antibiótico. Mais do que isso, cheirava a homem, puro e duro. As delícias atrevidas que queria experimentar ali mesmo.

Wren afastou-se com um profundo grunhido.

— Vai, Maggie, antes que seja demasiado tarde.

As suas palavras confundiram-na completamente.

— Demasiado tarde para quê?

— Aimee — chamou ele entre dentes cerrados, negando-se a olhar para Maggie.

Aimee puxou por ela.

— Vamos, Maggie. Ele precisa mesmo de descansar.

Wren observou as mulheres saírem. O seu coração palpitava dolorosamente. Ainda sentia o perfume de Maggie. Instalara-se nas suas fossas nasais, fazendo com que a besta dentro dele rugisse com possessividade. Queria-a de uma maneira que era difícil de negar.

Levou a base da mão ao sexo, que era agora um rochedo duro e palpitante. Nunca tinha desejado nada como desejava agora uma noite a sós com ela.

Mas era impossível e sabia-o.

Ela era humana e ele um animal... em todos os sentidos. Não confiava em si próprio, perto de uma mulher. Nem de ninguém. Num instante, tornava-se a criatura mais cruel de todas. Era essa a maldição da sua espécie e da sua raça.

Até a própria mãe se voltara contra o seu pai...

Suspirando, Wren observou a *T-shirt* cinzenta que Maggie lhe trouxera. Sentiu um sorriso curvar-lhe os lábios, o que era no mínimo assombroso. Não se lembrava da última vez em que tinha sorrido. Ora, nem podia jurar que alguma vez o tivesse feito.

Um estranho sentimento alojou-se no seu peito. Não sabia o que significava. Voltou a levar o papel de seda ao rosto. Conservava o perfume doce e feminino de Maggie. Amassou-o no punho, consumido por uma brutal onda de desejo.

Pondo o papel de lado, segurou o presente, recostando-se.

Alguém bateu à porta.

Susteve a respiração, na esperança de que fosse Maggie outra vez, mas não era. Aimee entrou no quarto.

— Estás bem, cria?

Ele assentiu. Aimee era a única pessoa que permitia que lhe chamasse cria. Não usava o termo como um insulto, mas como um apelido carinhoso. De todos os que habitavam o Santuário, Aimee fora a única que o fizera sentir-se quase em casa. Mas ela, tal como os outros, tinha medo dele. Estava com medo ainda agora, embora tentasse escondê-lo.

Atravessou o quarto. Quando tentou pegar no saco e no papel, ele resmungou e rosnou. Ela endireitou-se instantaneamente.

— Pensei que querias deitá-los fora.

— Não — Aimee manteve as mãos ao alto, em sinal de rendição. — Para que saibas, mandei-a para casa.

Esse era o verdadeiro lugar de Maggie, mas a ideia feria-o. Não queria que ela fosse para casa. Queria...

Queria-a ali com ele. Que estupidez.

— Porque não lhe devolveste a mochila? — perguntou Aimee num tom inocente.

Wren olhou de lado para onde a mochila preta da *Prada* de Maggie estava pousada. Tinha-a deixado no bar, debaixo da mesa, durante a confusão da noite anterior. Aimee encontrara-a muito depois de Maggie ter saído e contara-lhe. Imediatamente, Wren ordenara a Aimee que a trouxesse. Não queria que ninguém tocasse em nada de Maggie.

— Esqueci-me.

Aimee assentiu.

— Queres que...

— Não!

A predadora dedicou-lhe um olhar intenso.

— Precisas de conter esse temperamento, cria. Sabes o que disse a Mamã.

Wren retribuiu o olhar de Aimee com toda a intensidade.

— Não quero o teu cheiro nas coisas dela. Entendido?

Aimee revirou os olhos.

— Mas que raio se passa com estes gatos? Juro que não sei quem é mais territorial, vocês ou os lobos. Ártemis nos proteja de todos vós.

Wren viu Aimee deixar o quarto e fechar a porta com cuidado. Aperitou a *T-shirt* nos braços, enquanto fechava os olhos para visitar o rosto de Maggie. Nick tinha razão, ela era uma bela mulher. Finalmente, entendeu o que o amigo tinha querido dizer ao referir que era de alta qualidade. Transpirava qualidade por cada poro.

E ele não era mais do que uma asquerosa peça de caça cuja vida não valia mais do que um galho de uma árvore.

Era verdade. A sua vida não tinha qualquer valor. Ele não tinha valor. Destruía tudo o que tocava.

Ciente da verdade, deixou que a sua forma humana se dissolvesse na de um tigre. Fitou a sua enorme pata branca pousada na *T-shirt*. O que ele não daria para ser um homem. Era capaz de matar para ser diferente do que era.

Apenas desejava pertencer a algum lugar. A qualquer lugar. Mas não estava destinado.

Parte de si queria rasgar a *T-shirt* para nunca mais a ver, mas a outra parte recusava-se. Maggie tinha-lha oferecido. Dera-se ao trabalho de a entregar pessoalmente.

Era um presente. Um verdadeiro presente, e ele tratá-lo-ia como tal.

Fechando os olhos, ainda conseguia saborear aquele beijo. Cheirar o perfume dela na sua pele.

E, que Deus o ajudasse, queria mais.

MARGUERITE não conseguia livrar-se do sabor de Wren. Nenhum homem a tinha beijado daquela maneira. O beijo tinha sido pecaminoso e malvado. Decadente. Possessivo e quente.

Ele não era nada o tipo de homem em que devia pensar. Era um empregado de bar. O seu pai teria um ataque se soubesse que tinha falado — quanto mais beijado — um homem como Wren.

Mas isso não lhe interessava. Wren era maravilhoso.

— E salvou-me a vida — disse ela em voz baixa. Nem Blaine ou Todd teriam feito tal coisa e, mesmo que o fizessem, não a teriam levado a casa com um ferimento de bala. Teriam ficado caídos no chão, gritando por uma ambulância e o melhor cirurgião que o dinheiro pudesse comprar, mandado vir diretamente da Mayo Clinic.

Mas Wren nunca dissera uma palavra sobre o ferimento. É claro que ele não era propriamente falador. Ela nunca tinha conhecido ninguém que falasse tão pouco. E, ainda assim, sentia-se mais atraída por ele do que por qualquer outra pessoa. Ele dizia mais com silêncio do que a maioria das pessoas com mil palavras.

Não podia, contudo, deixar de se perguntar se parte da atração se devia ao facto de ele ser socialmente inaceitável para o seu pai. Já se podia imaginar a apresentá-los.

— *Olá, Papá, este é o meu namorado. Sei que precisa de um corte de cabelo e que trabalha num bar de motoqueiros, mas não é maravilhoso?*

O seu pai teria instantaneamente um ataque.

Mas Maggie ainda sentia o sabor dos lábios de Wren. O aço das suas mãos a segurarem-lhe a cabeça enquanto a saboreava.

Como podia alguém deixá-la assim tão excitada?

— Tira isso da cabeça.

Pois, falar era fácil. Só queria voltar ao bar para vê-lo outra vez.

— Não posso.

Por muito que gostasse de Wren, também amava seu pai, e ele nunca — *jamaís* — aceitaria que ela saísse com alguém como Wren. Ela não podia fazer-lhe isso, mesmo sabendo que era um sacana egoísta que se preocupava mais com a campanha eleitoral do que com a própria filha. Era seu pai, e desde o suicídio da mãe, era a única família que lhe restava.

Marguerite não podia voltar a ver Wren. Não podia. Por mais que aqueles estranhos sentimentos dentro de si se digladiassem, aquela relação tinha terminado.

QUATRO

MARGUERITE guardou os livros na mochila emprestada. Ainda não tinha encontrado a sua *Prada*. Não lhe ocorria o que lhe pudesse ter acontecido. Fora já várias vezes à secção de Perdidos e Achados da biblioteca. Nem parecia dela perder assim as coisas.

Suspirando, levantou-se da mesa para se dirigir à biblioteca e encontrar-se com o seu grupo de estudo.

Quando saiu do edifício e cruzou o relvado, seguia distraída, até que ouviu um homem chamar o seu nome.

— Maggie!

A sua voz era tão intensa e profunda que a fez sentir arrepios pela coluna vertebral abaixo. Só uma pessoa possuía uma voz daquelas. Só uma pessoa lhe chamava Maggie...

Parando, voltou-se e viu Wren caminhando na sua direção. Movia-se com uma passada graciosa e masculina que a inundava de calor. Vestia umas calças de ganga desbotadas com buracos nos joelhos, botas pretas de motoqueiro e uma *T-shirt* preta por baixo de uma camisa de flanela vermelha e preta que trazia desabotoada.

Nunca tinha conhecido alguém que vestisse tão descuidadamente, e havia algo na roupa que lhe dava a aparência de um jovem adolescente.

Mas, à parte disso, era evidente que ele era um adulto. Um facto que ela sabia em primeira mão, já que o tinha visto em tronco nu. Havia também uma perigosa autoconfiança nele que lhe dizia que seria muito mais velho do que aparentava.

Wren conservava um braço atrás das costas quando se aproximou até parar diante dela. Maggie tremia perante aquela presença dominante. Ele era muito mais alto do que ela, e aqueles olhos...

Por vezes, não pareciam muito humanos.

— Já te podes levantar? — perguntou ela.

Wren encolheu os ombros com uma indiferença que ela não conseguia compreender.

— Eu disse-te que não era grave — Wren mostrou-lhe a mochila. — Mas lembrei-me de que podias precisar disto. Deixaste-a no bar, na outra noite.

— Oh, graças a Deus! — disse ela, contente por ter recuperado a mochila.

— Deixaste-me tão alterado quando me foste visitar ontem, que me esqueci que a tinha.

Maggie sorriu, grata por ele se ter dado ao trabalho de lha levar.

— Não era preciso. Bastava telefonares que eu passava por lá.

— Não tinha o teu número.

— Oh — disse ela quando se deu conta de que não o tinha dado. O que proporcionava outra pergunta. — Como me encontraste?

Ele não respondeu. Aliás, parecia bastante incomodado com a pergunta.

— É melhor ir.

— Mas que temos aqui?

Marguerite ergueu o olhar e viu Blaine com um grupo de colegas da fraternidade. Respirou fundo. Não era nada bom. Conhecendo Blaine como conhecia, ele veria a presença de Wren como uma violação do seu território. E com os amigos a ajudarem-no, seria capaz de qualquer coisa. Blaine sabia ser um completo imbecil quando queria.

— Não é assunto teu, Blaine — respondeu, num tom de aviso. — Afasta-te e deixa-nos em paz.

Blaine ignorou-a e observou o casal.

— O que temos aqui, o ajudante de empregado veio cobrar vingança? Caso não tenhas reparado, amigo, aqui não há mesas para limpar.

Maggie podia sentir a fúria que crescia dentro de Wren. Felizmente, ele estava a controlá-la.

Voltou a avisar Blaine.

— Deixa-o em paz, Blaine. Agora.

Blaine fez um ruído de desdém ao mesmo tempo que observava a roupa de Wren.

— O quê? Não tens dinheiro para um par de calças decentes? Ou és tão acalorado que precisas de ventilação natural?

— Blaine — resmungou ela.
— E que cabelo é esse? — perguntou outro dos rapazes. — Nunca o lavas?
— São rastas, meu — respondeu outro num falso sotaque jamaicano.
— Assim a ganza funciona melhor, não é, mano?
Blaine riu-se e olhou com pena para Marguerite.
— Francamente, Margeaux, porque te metes com estes maltrapilhos? Já sei que não podes fazer nada quanto à mãe que te calhou, mas caramba, mulher, achava que os genes do teu pai seriam os dominantes.
— Desculpa, Maggie — disse Wren em voz baixa. — Não tinha intenção de te envergonhar.
— Tu não me envergonhas — disse ela entre dentes cerrados. — Eles é que me envergonham.
Ainda assim, Wren não olhava para ela. Começou a afastar-se, voltando-se para a rua.
— Isso, continua a andar, empregadinho — disse Blaine num tom insultuoso. — E não venhas para aqui cheirar outra vez.
Quando Wren passou por eles, Blaine empurrou-o. A reação de Wren foi veloz e violenta. Espetou o punho em cheio no rosto de Blaine. Este caiu ao chão com força, ao que os seus companheiros começaram a correr para Wren.
— Parem! — gritou Marguerite, com medo que magoassem Wren. Embora ele parecesse dominá-los sem qualquer dificuldade. Fez voar um que lhe aparecera pelas costas, golpeando-o, no chão, enquanto os outros o agrediam.
De repente, a segurança do *campus* já estava no local, puxando por Wren. Ele voltou-se contra o segurança com um grunhido e esbofeteou-o antes de se aperceber de que não era outro estudante.
O outro segurança puxou do cassetete e golpeou o ombro ferido de Wren. Este grunhiu de dor e empurrou-o. Marguerite apercebeu-se de que Wren estava prestes a atacá-lo também.
— Wren, para! — gritou ela. — Eles vão-te magoar.
Wren parou instantaneamente.
— Quero esse sacana detido por agressão — resmungou Blaine, enquanto segurava um lenço ensanguentado. O nariz era um desastre total.
— Não se preocupe — disse o agente quando algemou as mãos de Wren atrás das costas. — Este vai já para a cadeia.
O rosto de Wren era de pedra, não proferindo qualquer palavra em sua própria defesa. Marguerite estava lívida.
— Ele não fez nada de errado. Eles é que o atacaram primeiro.
— Mentira — contrapôs outro rapaz da fraternidade, limpando o

sangue dos lábios com um lenço. — Atacou o Blaine sem razão. Só estávamos a proteger o nosso irmão deste animal.

— Ele nem sequer pertence aqui — acrescentou Blaine. — É um parolo que invadiu o recinto.

O agente que Wren tinha agredido apertou-lhe tanto as algemas que Maggie via que se cravavam na sua pele.

E, ainda assim, Wren não disse nada. Nem estremeceu ou mostrou qualquer tipo de emoção.

— Estuda aqui? — perguntou-lhe o agente num tom irritado. Wren negou com a cabeça. — Então porque estava no *campus*?

Wren não respondeu. O agente estava cada vez mais furioso, puxando pelas mãos algemadas de Wren.

— Rapaz, é melhor que me respondas se sabes o que é bom para ti. Quem te convidou aqui?

Wren manteve o olhar fixo no chão.

— Ninguém.

— Eu convidei-o — disse Marguerite.

Wren fitou-a com rudeza.

— Ela está a mentir. Nem sequer a conheço.

Marguerite estava comovida, porque ele tentava protegê-la para que não se metesse em problemas. Como estudante, ela era responsável por quem convidava para o *campus*.

Por outro lado, não havia maneira de saber o que a polícia lhe faria. Queria rebater e contar a verdade, mas o olhar de Wren manteve-a em silêncio. Maggie percebeu que ele não queria que ela o contradis-esse.

Um carro da polícia estacionou na curva.

Sentindo-se completamente indefesa, Maggie observou-os a levarem Wren até ao carro.

— Espera até os meus advogados tratarem dele — disse Blaine com uma gargalhada. — Esse sacana vai passar a vida na cadeia.

Marguerite voltou-se para Blaine com um olhar ameaçador.

— És um idiota. Podes esquecer o estágio com o meu pai. Só quando as galinhas tiverem dentes é que pões um pé no escritório dele.

— Margeaux...

Marguerite libertou-se de Blaine e caminhou para o carro. Tinha de arranjar um advogado para Wren. Não o deixaria na prisão quando ele não tinha feito nada para se defender.

SEIS horas depois, Marguerite esperava ansiosamente na esquadra da polícia, cada vez mais assustada. Nunca tinha estado num lugar daqueles.

Era frio e estéril. Sinistro. Mais do que isso, era assustador. Esperava nunca mais ter de visitar tal lugar.

Mas, por mais que fosse terrível para ela ter de estar ali para libertar Wren, para ele seria muito pior estar na parte mais horripilante do edifício, com outros homens que tinham sido presos sabe Deus por que crime.

Eles tinham de tirar o Wren dali.

— Eu disse-lhe que devia ter ficado em casa, Menina Goudeau — insistiu o advogado.

Era um homem pequeno, afro-americano, com cabelo ralo salpicado de pontos grisalhos. Muito distinto e talentoso, era um dos advogados mais proeminentes em Nova Orleães. Mais importante ainda, era discreto, pelo que ninguém, nem mesmo o seu pai, saberia daquele episódio.

Tanto ela como Wren estariam protegidos.

Maggie duvidava que Wren pudesse pagar um advogado e, pelo que sabia, os advogados do Estado estavam sempre muito ocupados. Ela queria assegurar-se de que Wren passava o menos tempo ali quanto fosse possível. Felizmente, tinha dinheiro mais que suficiente para cobrir os honorários do Sr. Givry e tirar Wren da prisão.

— Acho que devia voltar para casa — repetiu o Sr. Givry enquanto a encaminhava para a saída.

— Não — contrapôs ela. — Quero ver com os meus olhos que ele está bem.

Pouco agradado com a insistência da jovem, o Sr. Givry conduziu-a a uma mesa onde uma mulher usando um uniforme da polícia se sentava. Embora a mulher fosse corpulenta, era evidente que era bem musculada e que tinha uma boa preparação física. O seu rosto era duro e severo quando afastava o cabelo castanho dos olhos. Olhou para eles com um ar de aborrecimento.

— Viemos tratar da fiança de... hum...

O advogado fitou Maggie, à espera que completasse.

— Wren — disse Maggie.

— Wren, quê? — perguntou a agente num tom agitado.

Marguerite hesitou ao aperceber-se de que não conhecia o seu sobrenome.

— Hum... não tenho bem a certeza.

O Sr. Givry fitou-a, atordoado. Era capaz de parecer um pouco estranho que ela estivesse disposta a gastar milhares de dólares para libertar um homem que mal conhecia. Mas para ela fazia todo o sentido e não se atrevia a explicar ao advogado e à agente que Wren lhe tinha salvado a vida.

Com a sorte que tinha, a história toda ia parar aos jornais e ela estaria metida num grande sarilho.

— Pois bem — disse Maggie rapidamente —, tem mais ou menos a minha idade, mede um metro e oitenta e seis e tem rastas loiras. Trouxeram-no há umas seis horas por causa de uma discussão na Tulane.

Entretanto, surgiu um homem afro-americano de uniforme, abanando cabeça.

— Sabes quem é, Marie. É aquele rapaz que tivemos de isolar há pouco.

A mulher fez uma expressão de repugnância.

— O maluco?

— Sim.

— Maluco? — perguntou Maggie franzindo o sobrolho. — Como assim?

O homem respondeu com desprezo.

— Quando o trouxeram para cá, pusemo-lo com o resto dos prisioneiros. Ele agrediu e deixou inconscientes três deles, e foram precisos sete agentes para agarrá-lo e colocá-lo numa cela sozinho. Desde então, tem andado de um lado para o outro na cela, como se fosse um animal enjaulado. Arregala os olhos e rosna se alguém se aproxima. É assustador como tudo. Passa-se mesmo qualquer coisa com aquele rapaz.

O advogado arqueou uma sobrancelha.

— Tem a certeza de que quer tirá-lo daqui?

— Sim. Absolutamente.

O Sr. Givry parecia extremamente cético, mas voltou-se para a agente.

— De quanto é fiança?

— Setenta e cinco mil dólares.

Tanto ela como o advogado ficaram de queixo caído. Não podia estar bem, pois não?

— Está a falar a sério? — perguntou ela.

— Sim, senhora — disse Marie sem titubear. — Agrediu um agente de segurança.

Marguerite estava indignada com a forma como tratavam Wren.

— Não foi de propósito. Ele não sabia que era um agente senão quando o agrediu.

O outro agente riu-se.

— Sim, claro, isso é o que dizem todos.

Marguerite sentia-se mal e muito zangada. Ela não tinha assim tanto dinheiro. Pelo menos, não sem recorrer ao pai, que a mataria se lhe explicasse para que o queria.

— *Olá, Papá, conheci um homem que é ajudante num bar de motoqueiros e preciso tirá-lo da prisão...*

— O que fez ele?

— Pouca coisa. Só agrediu um agente e o Blaine. Lembras-te do Blaine? O pai dele é um dos teus principais contribuintes de campanha. Mas não faz mal, pois não? O Wren é um tipo simpático. Até foi baleado quando impediu que fosse violada depois de ser assaltada no bairro aonde me disseste para não ir. Papá? Estás a ter um ataque? Queres os comprimidos para o coração?

Sim, claro, ia mesmo funcionar. O Sr. Givry dedicou-lhe um olhar compassivo.

— O que quer que faça, Menina Goudeau?

E que tal emprestar-me o dinheiro?

Antes que ela conseguisse responder algo mais razoável, a porta do edifício abriu para deixar passar três homens. Maggie reconheceu um deles imediatamente. Era o Dr. Julian Alexander, o seu coordenador da licenciatura. Alto, loiro e absolutamente lindo, vinha acompanhado por outros dois homens bonitos. Um que era um pouco mais alto e loiro, e outro de cabelo curto e preto. O moreno era da altura do Dr. Alexander.

— Bill — o seu advogado saudou o homem de cabelo escuro enquanto lhe estendia sua mão. — O que te traz por aqui? Não sabia que ainda lidavas pessoalmente com clientes.

Bill riu-se, apertando a mão do Sr. Givry.

— Não lido.

— Então, devo estar a imaginar coisas.

Bill continuava a sorrir.

— Quem me dera, mas tenho um cliente extremamente importante para tirar daqui. Ele tem sempre a minha dedicação pessoal, se é que me entendes.

O olhar no rosto do Sr. Givry dizia que ele sabia exatamente do que Bill falava. Marguerite não tinha ideia de quem seria o cliente de Bill, mas devia estar cheio de dinheiro para conseguir a atenção pessoal de um advogado que normalmente não a dispensava.

— Marguerite? — chamou o Dr. Alexander, aproximando-se dela. — O que te traz por aqui? Espero que não te tenhas metido em sarilhos.

Ela negou com a cabeça.

— A falta de cobertura pelos meios de comunicação atesta que sou inocente. Vim para pagar a fiança a um amigo, mas acabei de saber que não me chega o dinheiro — franziu o sobrolho quando, de repente, reconheceu o homem de cabelo escuro. — É o William Laurens, o filho mais velho do Senador Laurens, não é?

Bill inclinou a cabeça enquanto procurava pistas que a identificassem.

— Conheço-a?

— Ela é filha do Senador Goudeau — disseram o Dr. Alexander e seu advogado ao mesmo tempo.

— Ah — disse Bill quando a reconheceu por fim, estendendo-lhe a mão. — Conhecemo-nos das festas de campanha.

Ela assentiu.

— Adoro a sua esposa. É uma figura.

Selena Laurens era mais do que isso. Era extremamente idiossincrática, uma médium proprietária de uma loja *New Age* no bairro. Só era tolerada pelo pai de Marguerite porque a família de Bill era uma das mais ricas no estado do Louisiana, e a família da Selena não lhe ficava muito atrás. Se Selena fosse pobre, seria vista como louca. Como não era, o pai de Marguerite referia-se à cartomante como excêntrica.

Bill riu.

— Sim, lá isso é. É por isso que a amo — apontou para o loiro a seu lado. — Este é o meu cunhado, Kyrian Hunter, e já conhece o Julian.

— É um prazer conhecê-lo — disse ela a Kyrian, que lhe apertou a mão e retribuiu o cumprimento.

— Se me dão licença...

Bill foi falar com o agente. Marguerite voltou-se para Kyrian.

— O Nick Gautier trabalhava para si, não era?

Kyrian franziu o sobrolho.

— É amiga do Nick?

Maggie assentiu.

— Era um tipo excelente.

— Sim, era — disse Kyrian, com uma expressão extremamente amarga.

Bill juntou-se novamente a eles.

— Vão trazê-lo agora, mas este rapaz tem de aprender a não se meter em problemas.

— O que aconteceu? — perguntou Kyrian.

Bill exalou um longo suspiro.

— Bem, esqueceu-se de me dizer que tinha agredido um segurança na Tulane e agora têm-no isolado.

— O Wren? — perguntou Maggie, cheia de esperança. — Vocês estão aqui pelo Wren?

Kyrian ficou admirado com as suas palavras.

— Também conhece o Wren?

Marguerite assentiu com a cabeça.

— Acabámos de nos conhecer, mas sim, conheço-o — olhou à sua volta, timidamente. — Sou obrigada a admitir que sou a razão pela qual ele foi detido.

Bill arqueou uma sobrancelha.

— Como assim?

— O Wren foi ao *campus* para me devolver a mochila que tinha deixado no bar. Quando estava a ir-se embora, um grupo de rapazes da fraternidade começou a provocá-lo. Depois de o insultarem repetidamente, um deles empurrou-o e então o Wren bateu-lhe. O resto do pessoal saltou-lhe em cima e, de repente, chegou a polícia que o prendeu pelos distúrbios.

Maggie via que Bill processava a nova informação procurando descortinar uma forma de a usar para ajudar Wren.

— Ele atacou mesmo um agente?

— Sim, mas foi um acidente. O agente aproximou-se por trás e estou certa de que ele pensou que era outro estudante que o ia atacar. O Wren só viu quem era depois de o agredir.

Bill fitou-a intensamente.

— Está disposta a testemunhar isso mesmo?

— Absolutamente.

— Muito bem — disse ele, com um sorriso.

Bill ia tirar Wren da prisão. Graças a Deus.

— Então, quem é este rapaz pelo qual interrompeste o teu jantar para o tirares da cadeia? — perguntou o Sr. Givry.

— Wren Tigarian.

O advogado continuava a franzir o sobrolho, tal como Marguerite.

— Devia reconhecer o nome? — perguntou o advogado.

— Tigarian Technologies — explicou o Dr. Alexander. — Ele é o único filho do Aristóteles Tigarian, e o herdeiro exclusivo de todo o seu império internacional.

Marguerite ficou boquiaberta. A Tigarian Technologies ficava apenas abaixo da Microsoft Corporation no mundo empresarial.

— Porque trabalha num bar?

Julian respondeu-lhe com outra pergunta.

— Por que motivo a filha de um proeminente senador frequenta a Tulane e não Princeton, Harvard ou Yale?

— Eu gosto de estar em Nova Orleães.

— E o Wren não tem interesse na empresa do pai — respondeu Bill. — Preferiu deixar tudo a cargo dos diretores.

Aquela história continuava a não fazer qualquer sentido para ela. Wren não vivia como um homem rico. Vivia como um vagabundo.

Bill olhou por cima do ombro dela e ficou irritado.

— Ouça! — gritou ele. — Tire as malditas algemas ao rapaz. Não há necessidade de o envergonhar. Ele não é um criminoso.

Os agentes que acompanhavam Wren deram a Bill um sorriso sinistro.

— Sim, claro, diz isso porque não viu o estado em que ele deixou aqueles motoqueiros. Este “rapaz” podia ensinar umas coisas ao Mike Tyson.

O coração de Marguerite acelerou logo quando viu Wren. Tinha um olho negro e o lábio inchado. O agente puxou as algemas com alguma crueldade antes de as abrir. Wren ergueu o olhar como se pressentisse a sua presença e imobilizou-a com o olhar.

Maggie sentiu-se acometida por um pequeno tremor de calor. Havia algo de muito inquietante nele, mas uma parte de si sentia-se atraída por ele, contra a sua própria razão.

Bill lançou um olhar assassino aos agentes.

— Olhem para ele. Levaram-no ao médico?

— Ele não quis um médico.

Bill negou com a cabeça.

— Estás bem, Wren?

Wren assentiu enquanto esfregava os pulsos. Marguerite aproximou-se dele, grata por vê-lo fora de perigo.

— Tens a certeza de que estás bem? — perguntou ela, afastando com os dedos o cabelo do rosto dele, para poder avaliar os ferimentos no olho.

Wren acariciou muito ligeiramente a mão dela com o nariz.

— Estou bem. O que fazes aqui?

— Estava a tentar pagar a tua fiança.

Ele ficou espantado.

— A sério?

Maggie assentiu e deu-lhe um sorriso vacilante.

— Queres que chame o Carson? — perguntou Bill.

Wren negou com a cabeça.

— Queres que te leve a casa? — perguntou ela a Wren.

— Por favor. Obrigado.

Pelo olhar nas caras dos homens, era visível que todos estavam espantados com a atitude de Wren, tal como ela.

Bill pigarreou.

— Tens a certeza de que não queres que te leve?

Wren negou com a cabeça e foi então que Maggie se deu conta de que era a única pessoa com quem ele tinha falado até ao momento.

Quando Marguerite tirava as chaves do carro da carteira, reparou que a porta exterior se abria. Para seu grande espanto, Blaine e dois dos outros amigos que tinham atacado Wren estavam a ser conduzidos ao interior do edifício, algemados.

— Isto é ridículo! — grunhia Blaine. — O meu advogado vai-vos deixar sem emprego por causa disso. Estão a ouvir?

Blaine congelou quando viu o Sr. Givry ao lado de Maggie.

— Tom! Tira-me daqui.

Com uma expressão preocupada, o seu advogado encaminhou-se para Blaine e disse-lhe que se acalmasse.

— Quais são as acusações? — perguntou o Sr. Givry aos agentes.

Mas foi Bill quem respondeu.

— Oh, deixa cá ver: agressão, provocação, calúnia, ofensas corporais, embriaguez em público, violação de domicílio, crimes de ódio, e qualquer outra coisa que me ocorra entretanto.

O Sr. Givry lançou a Bill um olhar irritado.

— Vais apresentar queixa?

Bill dedicou-lhe um satisfeito sorriso aberto.

— Sim. Consegui o mandado assim que falei com o Wren ao telefone. Devias aconselhar o teu cliente a ser mais cuidadoso com quem insulta e ataca. Não só o atacou no *campus*, como no bar local, o Santuário, onde tenho um monte de testemunhas oculares que não hesitarão em prestar testemunho pelo seu comportamento beligerante e embriagado. Já ouviste a expressão «nunca puxes um tigre pelo rabo»? Pois bem, quando terminar com o teu cliente, ele e a sua família terão sorte se lhes restar um palito no nome deles.

— Tem de estar a brincar comigo — grunhiu Blaine.

O Sr. Givry suspirou.

— Não, Blaine, não está. Vou telefonar ao teu pai e...

— Não precisas de ter pressa — acrescentou Bill num tom frio. — Posso garantir-te que eles vão passar a noite na prisão.

O Sr. Givry fitou-o com o sobrolho franzido.

— Não podes fazer isso, Bill. São bons rapazes, de boas famílias.

— Parece que o Wren também o é e já está feito. Talvez na próxima vez, pensem duas vezes antes de tirarem conclusões precipitadas a respeito de alguém — Bill abriu a pasta e tirou uma folha de papel que entregou a Givry. — Também validei uma ordem de afastamento que será comunicada ao teu cliente quando ele sair aqui. Se ele se aproximar do meu cliente outra vez, vai lamentá-lo seriamente.

Bill voltou a olhar para Blaine.

— Já agora, se eu fosse a ti, avisava-o de que, se insistir em acusar o meu cliente, estará a implicar a Menina Goudeau, já que foi ela que convidou o Wren a entrar em Tulane. E não gostaríamos de comprometer a filha do nosso senador, pois não?

Blaine lançou-se sobre Wren, mas o agente apanhou-o.

— Vais pagar por isto, maldito.
— Cala-te, Blaine! — admoestou-o o Sr. Givry. — Já causaste sarilhos que cheguem.
Bill lançou um olhar especulativo a Blaine, que estava a ser arrastado para um pequeno corredor.
— Vamos acrescentar ameaça à integridade física às acusações.
O agente levou Blaine e amigos do local. O Sr. Givry parecia aborrecido.
— Não me vais facilitar a vida, pois não, Bill?
— Não. Desta vez, vais ter de trabalhar pelos honorários.
O Sr. Givry exalou um suspiro cansado.
— Bem. Amanhã telefono-te para vermos o que podemos fazer.
Bill pôs a mão no ombro de Wren e, rapidamente, a retirou quando este lhe grunhiu.
— Desculpa — disse ele. — Eu... ah... telefono-te mais tarde.
Kyrian e Julian pararam.
— Tens a certeza de que não queres que te levemos a casa? — perguntou Kyrian a Wren.
Wren negou com a cabeça.
— OK, então. Não te metas em sarilhos.
Marguerite apontou para a porta com uma inclinação da cabeça.
— Estás pronto?
Ele assentiu. E quando começaram a caminhar, ela percebeu que ele esfregava o ombro ferido.
— Precisas de ir ao hospital?
— Não, só preciso descansar um pouco.
— De certeza?
— Sim. Leva-me para casa, sim?
Maggie conduziu-o até ao seu *Mercedes*, que estava estacionado por baixo de um candeeiro de rua.
— Não sabia que estavas ligado à Tigarian Technologies.
Wren fixou os olhos no capô do carro dela.
— Tem importância?
— Não, nem por isso.
— Então, para quê falarmos disso?
Ele tinha razão.
— Porque vives em Nova Orleães se a companhia é sediada em Nova Iorque?
Wren encolheu os ombros.
— Não gosto de Nova Iorque. Demasiada gente. Demasiado ruído. Demasiado fria no inverno. Não gosto do frio.

Fazia algum sentido, por isso, oferecendo um sorriso, entrou no carro e esperou que ele se juntasse a ela. Wren sentou-se rapidamente, fechou a porta e apertou o cinto.

— Deram-te de comer? — perguntou ela. — Queres parar pelo caminho para comer qualquer coisa?

Ele assentiu.

— O que te apetece?

— Tanto faz. Qualquer coisa que não tenha *Tylenol* ou chocolate.

— Lista estranha.

— Para mim, não.

Muito bem... que homem estranho.

Marguerite saiu do estacionamento enquanto Wren tirava as coisas do envelope amarelo que lhe tinham devolvido na polícia.

— Foi difícil lá dentro?

Wren fez uma pausa para fitá-la.

— Não foi um dos momentos mais felizes da minha vida.

Maggie sorriu ao comentário sarcástico.

— O que causou a luta na cela?

Ele guardou a carteira no bolso.

— Achavam que seria divertido implicar com o “puto” e demonstrarem a sua virilidade. E eu achei que seria divertido deixar alguns deles inconscientes.

Pois, conseguia compreendê-lo. Ele tinha certamente uma perspetiva única da vida.

— É normal envolveres-te em lutas como estas?

— Não — disse ele num tom baixo, enquanto colocava o relógio no pulso. — Eu não gosto de lutar. Prefiro estar sozinho. Mas se alguém começa...

— Tu terminas.

Ele assentiu.

— O meu pai costumava dizer que não era suficiente afastar um atacante à porrada. É preciso feri-los o bastante para que saibam que não podem voltar a meter-se connosco. Ou, melhor ainda, matá-los.

— Parece-me que os nossos pais têm muito em comum.

Wren não comentou. Em vez disso, apontou para a esquerda.

— O *McDonald's* era uma boa ideia.

Maggie torceu o nariz.

— Gostas de comer ali?

— A comida é boa.

Maggie parecia arrepiar-se. Só tinha visto a comida deles em anúncios publicitários e nunca tinha pensado em prová-la.

— Não sei. Não sei se gosto da ideia da comida rápida.
Mas entrou com o carro e entrou pelo *McDrive*.
Wren fitava-a, intrigado.
— Não me digas que nunca comeste aqui.
— Nunca.
— Onde comes, então?
— Em restaurantes ou na cantina do *campus*. — parou diante do microfone e baixou a janela. — Isto é tão estranho, obter comida assim.
Wren sorriu-lhe abertamente e inclinou-se sobre o seu regaço para responder à mulher que aguardava o pedido.
— Doze *Big Macs*, dois *McFish*, três *McRoyal Cheese* duplos, quatro tartes de maçã, seis batatas grandes e um batido grande de baunilha. — Olhou para ela. — Queres alguma coisa?
Maggie arregalou os olhos pensando no pedido exagerado.
— Não estás a pensar comer isso tudo sozinho, pois não?
Ele parecia confuso.
— Estou a fazer algo de errado?
— Não — disse ela rapidamente. — Não, se tens mesmo assim tanta fome. Só que nunca vi ninguém comer assim tanto.
Ele voltou a fitá-la, cada vez mais confuso.
— Faço-o a toda a hora.
— E manténs-te assim tão magro? Eu estaria do tamanho de uma casa.
— Mais alguma coisa? — perguntou a voz do intercomunicador.
Maggie olhou para o menu.
— E eu quero um *Cheeseburger* e uma *Coca-Cola*.
Marguerite arregalou os olhos quando ouviu o total, até que o empregado lhe disse para conduzirem até ao próximo posto. Quem diria que a comida rápida podia ser tão cara?
Wren tirou dinheiro da carteira e deu a Marguerite para pagar por ele. Recostou-se no assento e observou a forma como a luz brincava com o seu cabelo escuro. Ela era tão bela.
Enquanto esperavam, Wren estendeu o braço para lhe acariciar o rosto com a parte de atrás dos dedos. A suavidade da sua pele era inacreditável. E deixava-o tenso de desejo.
Maggie voltou o rosto para lhe sorrir. A sua expressão surpreendeu-o como um murro no estômago e deixou-o levemente tonto. Ela inclinou a cabeça como se o estudasse.
— Como fazes para ficar com o cabelo assim?
— Não sei. Torço-o e ele segura-se.
— Como o lavas?

Ele encolheu os ombros.

— Como toda a gente, com champô e água.

Franzindo o sobrolho, Maggie tocou numa rasta. Sorriu e enrugou o nariz.

— É estranho. Como um pedaço de lã.

Baixou a mão e aproximou-se da janela de entregas. Wren ficou a pensar nas suas palavras. Tinha começado a usar rastas para manter as outras pessoas à distância, e tinha funcionado. A maioria das pessoas ficava enojada e imediatamente se afastava dele, o que era o que ele queria. Nunca tinha gostado que lhe tocassem. Mas não se importava que Maggie lhe acariciasse o cabelo.

A sua pele...

Maggie deu-lhe o troco e a comida. Wren abriu um *Big Mac* e tentou comer como um humano, mas era difícil. A sua raça só comia a cada três ou quatro dias, e ele estava faminto. Na verdade, aquela comida não lhe ia chegar. Era só para o ajudar a esperar até chegar ao bar para comer o resto de que necessitava.

Pegou numa batata e ofereceu-lha.

Sorrindo, Maggie tirou-lha da mão e comeu-a.

Wren observou-a com atenção. Ela não fazia ideia da façanha que tinha sido para ele. A sua raça não partilhava comida com ninguém quando tinha fome. Lutavam até à morte pelo mais pequeno pedaço de carne. Mas ele queria cuidar dela. Era um sentimento tão peculiar. Quase se podia pensar que ela era sua companheira. Mas os Katagaria não acasalavam com os humanos. Não era possível.

Marguerite conduziu pelas ruas congestionadas, enquanto observava Wren pelo canto do olho. Ele não falou enquanto comia. Aliás, ele não era do tipo falador. Que contradição tão fascinante. Ainda não conseguira assimilar que ele tinha à sua disposição um dos advogados mais exclusivos de Nova Orleães.

— O que dizem os teus pais de trabalhares num bar? — perguntou ela. O seu morreria se ela alguma vez sonhasse em fazer algo semelhante. Ele sempre lhe escolhera cuidadosamente os empregos para que fossem apropriados para a sua carreira e estatuto social.

Wren engoliu a comida.

— Não pensam muito por estes dias.

Maggie esperava que ele concluísse o raciocínio. Em vez disso, Wren voltou a comer. Franzindo o sobrolho, Marguerite instou-o a explicar-se.

— Porque não?

— É capaz de ser difícil, tendo em conta que estão mortos.

Maggie sentiu um aperto no peito.

— Os dois?
Ele assentiu.
— Há quanto tempo?
— Aproximadamente vinte anos.
Era praticamente uma criança quando morreram. Era triste que nunca os tivesse conhecido.
— Tenho pena.
— Não tenhas. Eu não tenho.
Agora é que Maggie tinha ficado admirada.
— Eram uns completos idiotas — disse ele calmamente. — Nem um nem outro gostavam de mim. Nem conseguiam olhar para mim sem nojo. A minha mãe referia-se a mim como “aquilo”.
— Oh, meu Deus. Isso é horrível, Wren.
Ele encolheu os ombros.
— Uma pessoa acostuma-se. Tive a sorte de ser filho único. Se tivessem tido mais filhos, aposto que os tinham matado.
O tom frio de Wren deixava-a confusa.
— Estás a brincar, certo?
Wren não respondeu, mas a expressão do seu rosto dizia-lhe que não. E pensar, em momentos mais críticos, que achava que o pai era um idiota negligente. De repente, o seu pai parecia merecer o prémio de Pai do Ano.
— Então, se os teus pais morreram quando eras pequeno, quem te criou?
— Eu.
— Sim, mas quem era o teu tutor legal?
— Bill Laurens. O meu pai e a firma do Bill tinham ligações há muito tempo. Depois de os meus pais morrerem, um tipo trouxe-me ao Bill que pagou à Nicolette Peltier para ficar comigo e deixar-me trabalhar no bar para me sustentar.
— Não tens mais família?
— Não exatamente. A que tenho, que tenha sobrevivido, não me quer por perto.
— Porque não?
— Não estou bem.
Um calafrio percorreu a espinha de Maggie. Haveria algo a respeito dele que ela precisasse de saber?
— Como assim, não estás bem?
Wren bebeu um gole do batido antes de lhe responder.
— Tenho uma deficiência.
Maggie percorreu-o com o olhar enquanto conduzia. Não lhe parecia ter qualquer deficiência. Parecia-lhe perfeitamente saudável.

— Que tipo de deficiência?

Wren não respondeu quando abriu outro *Big Mac* e começou a comer.

— Wren...

— Não me pergunte mais nada, Maggie. Estou mesmo cansado, tenho fome e tenho dores. Se me conhecesses bem, saberias que é um verdadeiro milagre eu estar aqui sentado e sem te arrancar a cabeça, *literalmente*. Só quero ir para casa, OK?

— Claro — disse ela, embora ansiasse por uma resposta mais concreta.

Permaneceram em silêncio o resto do caminho até ao bar. Quando ela entrou no pequeno estacionamento atrás da casa, ele quase tinha acabado a comida. Marguerite deu a volta para o ajudar com os sacos.

Ele conduziu-a a uma porta traseira vermelha, onde se cruzaram com o mesmo loiro zangado que tinha proibido a entrada a Marguerite, quando acompanhada por Aimee.

— Ela não pode entrar.

— Sai da frente, Remi — disse Wren entredentes.

— Conheces as regras.

— Sim, conheço as regras. Na lei da selva, o tigre come o urso.

Marguerite viu Aimee aparecer por trás de Remi.

— Está tudo bem, Rem, deixa-os passar.

Remi fitou-a com desdém.

— Perdeste o juízo?

Aimee puxou Remi para trás.

— Entrem, meninos.

Marguerite não disse nada enquanto subia as escadas para o quarto de Wren.

— O que se passou? — perguntou ela logo que ele fechou a porta do quarto.

— A Lo não quer ninguém em sua casa.

— Oh. Então é melhor ir...

— Fica... por favor.

Wren sabia que não devia pedir-lhe aquilo. Precisava de descansar. Ora, precisava que cuidassem dele. Mas nada disso importava. Só queria estar com ela um pouco mais. O perigo não tinha importância.

Nada importava senão poder cheirá-la. Vê-la. Tocá-la.

Wren baixou um pouco a cabeça até que ela levou os lábios aos dele. Ele prendeu-a contra a porta, beijando-a mais intensamente.

Sem pensar, Marguerite enterrou a mão no cabelo dele. Wren sibilou e afastou-se dela como se lhe doesse. A mão dela ainda estava presa nas rastas loiras.

— Desculpa. Desculpa — disse ela, tentando desenredar a mão antes de o magoar ainda mais.

Ele fitou-a de sobrolho franzido enquanto massajava a cabeça. Maggie tentou ajudá-lo, mas ele não queria.

Tinham acabado de se afastar da porta quando esta se abriu de rompante. Marguerite fitou a mulher zangada de meia-idade que reconhecia do bar. Wren proferiu um estranho grunhido gutural.

— Ela tem de se ir embora — ordenou a mulher numa voz que não admitia discussão. — Agora.

— Quero-a aqui.

— Não me interessa o que tu queres — disse ela, num sotaque francês carregado. — Esta é a minha casa e...

— Pago-te o bastante.

— Não — disse ela, num tom cheio com veneno —, não pagas. Não me pagas para isto.

A última coisa que Marguerite queria era metê-lo em sarilhos.

— Não faz mal, Wren. Eu vou.

A cólera na expressão do homem assustou-a. Wren lançou um olhar mordaz à mulher, e escoltou Marguerite até à porta traseira.

— Desculpa — disse ele, enquanto a conduzia para fora da casa e em direção ao seu carro.

— Está tudo bem. Vemo-nos depois.

Ele assentiu e abriu a porta do carro para ela entrar. Depois de fechar a porta, Wren encostou a mão ao vidro, e o olhar de saudade no seu rosto entristeceu-a. Marguerite colocou a mão no vidro também e sorriu.

Quando ligou o carro, Wren afastou-se e ficou a vê-la sair do estacionamento, só depois regressando para dentro de casa.

Cruzou-se com Nicolette no salão. Aimee estava mesmo atrás da mãe, parecendo completamente contrita.

— Se voltas a ameaçar um dos meus filhos, eu mato-te, tigre.

Ele riu com amargura.

— Podes tentar, urso, mas não te sairás bem.

Nicolette manteve a sua expressão de aviso quando Wren a deixou e subiu as escadas.

— A culpa não foi dele, *Maman* — disse Aimee. — Eu disse-lhe para entrar.

Nicolette deu uma bofetada à filha.

— Voltas a comprometer a segurança desta casa, e ponho-te na rua. Entendeste?

Aimee assentiu.

— Pai?

Nicolette chamou o companheiro que surgiu pela porta que conduzia à cozinha.

— Sim?

— Convoca o conselho. Acho que é hora de tirarmos o tigre das nossas vidas.